



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2020/21
3º LEVANTAMENTO

DEZEMBRO 2020

**VOLUME 8
NÚMERO**

3

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

José Samuel de Miranda Melo Júnior

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

João José Trabulo

Diretor - Executivo Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor - Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sérgio De Zen

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Maurício Ferreira Lopes

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Candice Mello Romero Santos

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper
Carlos Eduardo Gomes de Oliveira
Eledon Pereira de Oliveira
Fabiano Borges de Vasconcellos
Francisco Olavo Batista de Sousa
Jeferson Alves de Aguiar
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Joaquim Gasparino Neto
Lucas Barbosa Fernandes
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Colaboradores

Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Fernando Gomes da Motta (Gerpa - milho); Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo); João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão); Joao Marcelo Brito Alves de Faria (Geiap); Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Mozar de Araújo Salvador (Inmet); Sérgio Roberto G. S. Júnior (Geiap - arroz).

Colaboradores das Superintendências

André Marques (AC); Adeildo Gomes de Santana Júnior e Bruno Barros Iales da Silva (AL); Glenda Queiroz e Thiago Augusto Maia (AM); Ednabel Lima, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro e Orfrezino Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, Elibernon Alves da Silva, José Iranildo da Silva Araújo, Luciano Gomes da Silva, Lincoln Sarli Cesar Guedes Lima, Lindeberg da Silva Magalhães, Flavio Henrique Linhares Magalhães, Francisco Antônio de Oliveira Lobato e Adriano José Rodrigues de Oliveira (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Espedito Leite Ferreira, Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Ronaldo Elias Campos e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento, Margareth de Cássia Oliveira Aquino, Raimundo Nonato Araújo de Melo e Rogério Prazeres da Silva (MA); José Henrique Rocha Viana de Oliveira, Warlen César Henriques Maldonado, Alessandro Lúcio Marques, Márcio Carlos Magno, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Matheus Carneiro de Souza, Samuel Valente Ferreira, Patrícia De Oliveira Sales e Pedro Pinheiro Soares (MG); Adirson Moreno Peixoto, Edson Yui, Getúlio Moreno Peixoto, Lucílio de Matos Linhares e Marcelo de Oliveira Calisto (MS); Benancil Filho, Daniel Moreira, Gabriel Heise, Ismael Júnior, Patrícia Leite, Raul Azevedo, Rodrigo Slomoszynski e Rogério Souza (MT) Alexandre Augusto Pantoja Cidon e Raimundo Nonato da Cruz Filho (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Herivelton Marculino da Silva, Rodrigo Rogerio da Silva e Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça e Tito Stelmachuk (PR); Edgard Sousa Sobrinho, Hécio de Melo Freitas, Francisco Honorato de Sousa, Antônio Cleiton Vieira da Silva, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Rafael Vagner Oliveira Machado (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcideman Pereira, Janderson Maues do Nascimento e Karina de Melo (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Luciana Dall’Agnese, Marcio Renan Weber Schorr e Iure Rabassa Martins (RS); Cezar Augusto Rubin, Marcelo Siste Campos, Ricardo Agustini Paschoal e Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes e Flaviano Gomes dos Santos (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli e Ivan Donizetti (SP); Felipe Thomaz de Souza Carvalho e Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondonia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondonia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Emater-ce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretária de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG) , Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do rio de Janeiro (Emater/RJ) ; Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | SAFRA 2020/21
3º LEVANTAMENTO

Copyright © 2020 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

Colaboradores das Superintendências

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Juliana Pacheco de Almeida, Luiza Aires, Marília Yamashita e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Acervo Conab

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.61(81)(05)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013- v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO
16	INTRODUÇÃO
17	PROGNÓSTICO CLIMÁTICO
19	Condições oceânicas recentes e tendência
21	Prognóstico climático para o Brasil – Período novembro-dezembro/2020 e janeiro/2021
23	ANÁLISE DAS CULTURAS
23	ALGODÃO
29	ARROZ
40	FEIJÃO
48	MILHO
60	SOJA
75	TRIGO
81	DEMAIS CULTURAS DE VERÃO
83	DEMAIS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

O terceiro levantamento da safra de grãos 2020/21, mantém a tendência de crescimento no que se refere à área plantada e à produção, com perspectivas de mais um recorde.

A semeadura das culturas de verão de primeira safra, com o calendário ideal de plantio terminando no final de dezembro, portanto, próxima à sua consolidação, agregando as áreas das culturas de segunda e terceira safras, além das de inverno, com os plantios iniciando a partir de janeiro de 2021, indica crescimento de 1,6% sobre a área da safra 2019/20, totalizando 67 milhões de hectares. Vale ressaltar que os plantios a partir de janeiro ocorrem nas áreas em sucessão à colheita das culturas de primeira safra.

Neste terceiro levantamento, com as áreas das culturas de verão de primeira safra em fase final de plantio, a previsão indica uma produção de 265,9 milhões de toneladas, 3,5% superior à safra 2019/20, constituindo-se em uma safra recorde. Destaques para as culturas de soja e de milho. Tal resultado se deve ao crescimento de 1,6% na área de plantio, aliado à recuperação da produtividade das culturas do milho primeira safra e de soja, que foram severamente prejudicadas pela estiagem em 2019 em alguns estados produtores.

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

CLIQUE NOS ÍCONES ABAIXO E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1: ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA EM 1000 HA

Culturas de verão	Estimativa de área plantada			Safras 2019/20 e 2020/21			
	Safras			Variação			
	19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
	(a)	nov/2020 (b)	dez/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO	1.665,6	1.569,6	1.530,0	(2,5)	(8,1)	(39,6)	(135,6)
AMENDOIM TOTAL	160,5	160,7	164,0	2,1	2,2	3,3	3,5
AMENDOIM 1ª SAFRA	153,3	153,5	156,8	2,1	2,3	3,3	3,5
AMENDOIM 2ª SAFRA	7,2	7,2	7,2	-	-	-	-
ARROZ	1.665,8	1.719,7	1.719,2	-	3,2	(0,5)	53,4
ARROZ SEQUEIRO	366,9	396,5	394,0	(0,6)	7,4	(2,5)	27,1
ARROZ IRRIGADO	1.298,9	1.323,2	1.325,2	0,2	2,0	2,0	26,3
FEIJÃO TOTAL	2.926,7	2.927,0	2.928,5	0,1	0,1	1,5	1,8
FEIJÃO TOTAL CORES	1.280,3	1.282,7	1.284,4	0,1	0,3	1,7	4,1
FEIJÃO TOTAL PRETO	338,6	335,7	335,0	(0,2)	(1,1)	(0,7)	(3,6)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.307,8	1.308,6	1.309,1	-	0,1	0,5	1,3
FEIJÃO 1ª SAFRA	914,5	914,2	915,7	0,2	0,1	1,5	1,2
CORES	365,9	367,7	369,4	0,5	1,0	1,7	3,5
PRETO	162,4	159,5	158,8	(0,4)	(2,2)	(0,7)	(3,6)
CAUPI	386,2	387,0	387,5	0,1	0,3	0,5	1,3
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.424,0	1.424,0	1.424,0	-	-	-	-
CORES	407,1	407,1	407,1	-	-	-	-
PRETO	159,6	159,6	159,6	-	-	-	-
CAUPI	857,3	857,3	857,3	-	-	-	-
FEIJÃO 3ª SAFRA	588,8	588,8	588,8	-	-	-	-
CORES	507,9	507,9	507,9	-	-	-	-
PRETO	16,6	16,6	16,6	-	-	-	-
CAUPI	64,3	64,3	64,3	-	-	-	-
GERGELIM	175,0	175,0	175,0	-	-	-	-
GIRASSOL	47,1	47,1	47,1	-	-	-	-
MAMONA	45,5	52,7	52,7	-	15,8	-	7,2
MILHO TOTAL	18.527,3	18.442,2	18.436,9	-	(0,5)	(5,3)	(90,4)
MILHO 1ª SAFRA	4.235,8	4.150,7	4.145,4	(0,1)	(2,1)	(5,3)	(90,4)
MILHO 2ª SAFRA	13.755,9	13.755,9	13.755,9	-	-	-	-
MILHO 3ª SAFRA	535,6	535,6	535,6	-	-	-	-
SOJA	36.949,7	38.254,3	38.175,8	(0,2)	3,3	(78,5)	1.226,1
SORGO	835,2	835,2	835,2	-	-	-	-
SUBTOTAL	62.999,0	64.183,5	64.064,4	(0,2)	1,7	(119,1)	1.065,4
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	nov/2020 (b)	dez/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	425,7	425,7	425,7	-	-	-	-
CANOLA	35,3	35,2	35,3	0,3	-	0,1	-
CENTEIO	4,7	4,7	4,7	-	-	-	-
CEVADA	102,5	102,5	102,5	-	-	-	-
TRIGO	2.338,8	2.338,8	2.338,8	-	-	-	-
TRITICALE	15,6	15,6	15,6	-	-	-	-
SUBTOTAL	2.922,6	2.922,5	2.922,6	-	-	0,1	-
BRASIL	65.921,6	67.106,0	66.987,0	(0,2)	1,6	(119,0)	1.065,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em dezembro/2020.

TABELA 2: ESTIMATIVA DA PRODUTIVIDADE DE GRÃOS - (EM KG/HA)

Brasil	Estimativa da produtividade de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21				
	Produto	Safras		Variação				
		19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
		(a)	nov/2020 (b)	dez/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.625	2.538	2.539	-	(3,3)	0,5	(85,7)	
ALGODÃO EM PLUMA	1.802	1.744	1.745	0,1	(3,2)	0,9	(56,9)	
AMENDOIM TOTAL	3.474	3.651	3.652	-	5,1	1,2	177,5	
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.554	3.739	3.738	-	5,2	(0,6)	183,9	
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.771	1.771	1.771	-	-	-	0,3	
ARROZ	6.713	6.374	6.366	(0,1)	(5,2)	(8,6)	(347,9)	
ARROZ SEQUEIRO	2.468	2.414	2.411	(0,1)	(2,3)	(2,8)	(56,8)	
ARROZ IRRIGADO	7.913	7.561	7.541	(0,3)	(4,7)	(19,6)	(371,5)	
FEIJÃO TOTAL	1.104	1.060	1.065	0,5	(3,4)	5,3	(38,0)	
FEIJÃO TOTAL CORES	1.568	1.494	1.492	(0,1)	(4,8)	(1,8)	(76,0)	
FEIJÃO TOTAL PRETO	1.504	1.491	1.543	3,5	2,6	52,2	38,5	
FEIJÃO TOTAL CAUPI	545	525	525	-	(3,7)	0,0	(20,2)	
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.209	1.140	1.156	1,5	(4,3)	16,7	(52,4)	
CORES	1.664	1.545	1.539	(0,4)	(7,5)	(6,6)	(125,1)	
PRETO	1.927	1.714	1.825	6,5	(5,3)	111,2	(102,1)	
CAUPI	475	517	517	-	8,9	0,2	42,3	
FEIJÃO 2ª SAFRA	874	879	879	-	0,6	-	5,3	
CORES	1.398	1.443	1.443	-	3,3	-	45,5	
PRETO	1.155	1.359	1.359	-	17,6	-	203,2	
CAUPI	573	522	522	-	(8,8)	-	(50,6)	
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.481	1.375	1.375	-	(7,2)	-	(106,5)	
CORES	1.636	1.498	1.498	-	(8,5)	-	(138,4)	
PRETO	725	618	618	-	(14,7)	-	(106,9)	
CAUPI	590	600	600	-	1,6	-	9,6	
GERGELIM	547	547	547	-	-	-	-	
GIRASSOL	1.590	1.666	1.666	-	4,8	-	76,1	
MAMONA	951	688	688	-	(27,6)	-	(262,5)	
MILHO TOTAL	5.533	5.688	5.564	(2,2)	0,6	(123,2)	31,1	
MILHO 1ª SAFRA	6.065	6.382	5.835	(8,6)	(3,8)	(547,0)	(230,1)	
MILHO 2ª SAFRA	5.456	5.580	5.580	-	2,3	-	124,8	
MILHO 3ª SAFRA	3.305	3.059	3.059	-	(7,4)	-	(245,9)	
SOJA	3.379	3.528	3.522	(0,2)	4,2	(5,9)	143,1	
SORGO	2.991	3.111	3.111	-	4,0	-	120,1	
SUBTOTAL	3.959	4.071	4.033	(0,9)	1,9	(38,0)	74,0	
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO				
	2020	2021		Percentual		Absoluta		
	(a)	nov/2020 (b)	dez/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)	
AVEIA	1.989	1.971	1.989	0,9	-	18,0	-	
CANOLA	912	963	912	(5,3)	-	(51,0)	-	
CENTEIO	2.191	2.170	2.191	1,0	-	21,0	-	
CEVADA	3.559	3.609	3.559	(1,4)	-	(50,0)	-	
TRIGO	2.644	2.717	2.644	(2,7)	-	(73,0)	-	
TRITICALE	2.628	2.865	2.628	(8,3)	-	(237,0)	-	
SUBTOTAL	2.559	2.619	2.559	(2,3)	-	(60,0)	-	
BRASIL (2)	3.897	4.008	3.969	(1,0)	1,9	(38,7)	72,2	

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma

Nota: Estimativa em dezembro/2020.

Fonte: Conab

TABELA 3: ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DE GRÃOS - EM 1.000 T

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2019/20 e 2020/21				
	Produto	Safras		Variação				
		19/20	20/21		Percentual		Absoluta	
		(a)	nov/2020 (b)	dez/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	4.371,3	3.984,4	3.884,6	(2,5)	(11,1)	(99,8)	(486,7)	
ALGODÃO - PLUMA	3.001,6	2.737,9	2.670,2	(2,5)	(11,0)	(67,7)	(331,4)	
AMENDOIM TOTAL	557,5	586,7	598,9	2,1	7,4	12,2	41,4	
AMENDOIM 1ª SAFRA	544,8	573,9	586,1	2,1	7,6	12,2	41,3	
AMENDOIM 2ª SAFRA	12,7	12,8	12,8	-	0,8	-	0,1	
ARROZ	11.183,4	10.961,8	10.943,7	(0,2)	(2,1)	(18,1)	(239,7)	
ARROZ SEQUEIRO	905,5	957,3	950,1	(0,8)	4,9	(7,2)	44,6	
ARROZ IRRIGADO	10.277,9	10.004,5	9.993,6	(0,1)	(2,8)	(10,9)	(284,3)	
FEIJÃO TOTAL	3.222,1	3.103,4	3.120,3	0,5	(3,2)	16,9	(101,8)	
FEIJÃO TOTAL CORES	2.008,0	1.916,5	1.916,6	-	(4,6)	0,1	(91,4)	
FEIJÃO TOTAL PRETO	509,5	500,4	516,8	3,3	1,4	16,4	7,3	
FEIJÃO TOTAL CAUPI	712,6	686,4	686,7	-	(3,6)	0,3	(25,9)	
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.105,6	1.041,7	1.058,6	1,6	(4,3)	16,9	(47,0)	
CORES	609,0	568,2	568,3	-	(6,7)	0,1	(40,7)	
PRETO	313,0	273,4	289,8	6,0	(7,4)	16,4	(23,2)	
CAUPI	183,6	200,1	200,4	0,1	9,2	0,3	16,8	
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.244,7	1.252,1	1.252,1	-	0,6	-	7,4	
CORES	569,2	587,7	587,7	-	3,3	-	18,5	
PRETO	184,5	216,8	216,8	-	17,5	-	32,3	
CAUPI	491,1	447,8	447,8	-	(8,8)	-	(43,3)	
FEIJÃO 3ª SAFRA	872,1	809,4	809,4	-	(7,2)	-	(62,7)	
CORES	822,1	760,6	760,6	-	(7,5)	-	(61,5)	
PRETO	12,0	10,2	10,2	-	(15,0)	-	(1,8)	
CAUPI	37,9	38,5	38,5	-	1,6	-	0,6	
GERGELIM	95,8	95,8	95,8	-	-	-	-	
GIRASSOL	74,9	78,6	78,6	-	4,9	-	3,7	
MAMONA	43,3	36,2	36,2	-	(16,4)	-	(7,1)	
MILHO TOTAL	102.515,0	104.890,7	102.589,2	(2,2)	0,1	(2.301,5)	74,2	
MILHO 1ª SAFRA	25.689,6	26.489,0	24.187,3	(8,7)	(5,8)	(2.301,7)	(1.502,3)	
MILHO 2ª SAFRA	75.053,2	76.763,3	76.763,3	-	2,3	-	1.710,1	
MILHO 3ª SAFRA	1.772,1	1.638,3	1.638,3	-	(7,6)	-	(133,8)	
SOJA	124.844,8	134.953,2	134.451,1	(0,4)	7,7	(502,1)	9.606,3	
SORGO	2.498,1	2.598,5	2.598,5	-	4,0	-	100,4	
SUBTOTAL	249.406,2	261.289,3	258.396,9	(1,1)	3,6	(2.892,4)	8.990,7	
Culturas de inverno	Safras			Variação				
	2020	2021		Percentual		Absoluta		
	(a)	nov/2020 (b)	dez/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)	
AVEIA	846,6	839,2	846,6	0,9	-	7,4	-	
CANOLA	32,2	33,9	32,2	(5,0)	-	(1,7)	-	
CENTEIO	10,3	10,2	10,3	1,0	-	0,1	-	
CEVADA	364,8	369,9	364,8	(1,4)	-	(5,1)	-	
TRIGO	6.183,0	6.354,8	6.183,0	(2,7)	-	(171,8)	-	
TRITICALE	41,0	44,7	41,0	(8,3)	-	(3,7)	-	
SUBTOTAL	7.477,9	7.652,7	7.477,9	(2,3)	-	(174,8)	-	
BRASIL (2)	256.884,1	268.942,0	265.874,8	(1,1)	3,5	(3.067,2)	8.990,7	

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma

Nota: Estimativa em dezembro/2020.

Fonte: Conab

TABELA 4: COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF – PRODUTOS SELECIONADOS (*)

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados(*)						Safras 2019/20 e 2020/21		
Região/uf	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %	Safra 19/20	Safra 20/21	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.293,2	3.361,4	2,1	3.537	3.578	1,2	11.649,6	12.028,4	3,3
RR	76,6	87,8	14,6	4.103	4.015	(2,2)	314,3	352,5	12,2
RO	602,5	602,5	-	3.992	3.861	(3,3)	2.405,3	2.326,2	(3,3)
AC	47,5	42,7	(10,1)	2.147	2.101	(2,2)	102,0	89,7	(12,1)
AM	18,7	17,0	(9,1)	2.230	2.365	6,0	41,7	40,2	(3,6)
AP	24,4	24,4	-	2.574	2.574	-	62,8	62,8	-
PA	963,4	976,0	1,3	2.979	3.445	15,6	2.870,1	3.362,6	17,2
TO	1.560,1	1.611,0	3,3	3.752	3.597	(4,1)	5.853,4	5.794,4	(1,0)
NORDESTE	8.187,7	8.220,1	0,4	2.814	2.693	(4,3)	23.038,2	22.134,3	(3,9)
MA	1.605,1	1.635,3	1,9	3.489	3.320	(4,8)	5.600,2	5.429,0	(3,1)
PI	1.535,2	1.532,4	(0,2)	3.282	3.085	(6,0)	5.038,5	4.727,8	(6,2)
CE	913,1	913,1	-	875	629	(28,0)	798,7	574,7	(28,0)
RN	118,3	118,3	-	538	574	6,8	63,6	67,9	6,8
PB	212,9	212,9	-	649	582	(10,3)	138,1	123,9	(10,3)
PE	465,2	465,2	-	676	575	(14,9)	314,4	267,5	(14,9)
AL	78,2	78,2	-	1.331	1.244	(6,5)	104,1	97,3	(6,5)
SE	162,5	162,5	-	5.425	5.404	(0,4)	881,5	878,1	(0,4)
BA	3.097,2	3.102,2	0,2	3.261	3.213	(1,5)	10.099,1	9.968,1	(1,3)
CENTRO-OESTE	28.480,6	28.956,1	1,7	4.349	4.317	(0,8)	123.866,9	124.990,1	0,9
MT	17.212,4	17.509,4	1,7	4.351	4.313	(0,9)	74.898,9	75.522,0	0,8
MS	5.029,5	5.157,0	2,5	4.085	4.133	1,2	20.548,0	21.313,4	3,7
GO	6.074,3	6.123,5	0,8	4.535	4.456	(1,7)	27.547,2	27.285,3	(1,0)
DF	164,4	166,2	1,1	5.309	5.231	(1,5)	872,8	869,4	(0,4)
SUDESTE	5.855,0	6.087,9	4,0	4.214	4.214	-	24.671,6	25.651,4	4,0
MG	3.492,8	3.680,9	5,4	4.401	4.300	(2,3)	15.371,3	15.828,7	3,0
ES	26,0	26,0	-	1.823	1.827	0,2	47,4	47,5	0,2
RJ	2,7	2,7	-	2.000	1.926	(3,7)	5,4	5,2	(3,7)
SP	2.333,5	2.378,3	1,9	3.963	4.108	3,7	9.247,5	9.770,0	5,7
SUL	20.104,5	20.361,5	1,3	3.664	3.982	8,7	73.657,8	81.070,6	10,1
PR	9.806,3	9.863,7	0,6	4.161	4.101	(1,4)	40.801,6	40.450,1	(0,9)
SC	1.284,3	1.291,2	0,5	5.079	4.997	(1,6)	6.522,9	6.452,4	(1,1)
RS	9.013,9	9.206,6	2,1	2.921	3.711	27,0	26.333,3	34.168,1	29,8
NORTE/NORDESTE	11.480,9	11.581,5	0,9	3.021	2.950	(2,4)	34.687,8	34.162,7	(1,5)
CENTRO-SUL	54.440,1	55.405,5	1,8	4.081	4.182	2,5	222.196,3	231.712,1	4,3
BRASIL	65.921,0	66.987,0	1,6	3.897	3.969	1,9	256.884,1	265.874,8	3,5

Nota: Estimativa em dezembro/2020.

Fonte: Conab



INTRODUÇÃO

Seguindo o calendário de divulgações, a Conab divulga o terceiro levantamento da safra 2020/21, com informações atualizadas da safra de verão, como área, produtividade e produção. Também atualiza as informações das culturas de terceira safra, da temporada 2019/20, e da safra de inverno 2020 (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale), com dados de evolução da colheita e a influência climática neste momento final para essas culturas.

Como parte do aprimoramento dos levantamentos e análises dos dados de safra, desde novembro de 2020, a Conab passou a divulgar, semanalmente, o progresso de safra das principais culturas (<https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progresso-de-safra>), mantendo-se como referência na produção de informações para o agronegócio brasileiro.

O levantamento é fruto do trabalho realizado por cerca de 80 técnicos das superintendências regionais, distribuídas em todas as Unidades da Federação. Neste momento, além da pesquisa subjetiva, é utilizado métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, bem como outras informações que complementam os métodos citados.



PROGNÓSTICO CLIMÁTICO¹

As chuvas em grande parte das regiões produtoras, especialmente no centro-sul do país, foram bastante irregulares ao longo do mês, e diversas localidades contabilizaram acumulados bem abaixo da média.

No Centro-Oeste, as áreas mais atingidas pela irregularidade da precipitação foram no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e no extremo sul de Goiás. Nessas áreas, o acumulado de novembro ficou entre 40 mm e 100 mm. Porém, houve exceções, como em Ribas do Rio Pardo-MS, onde a estação meteorológica do Inmet registrou um total de 201 mm. De forma geral, na maior parte de Goiás e no Distrito Federal, os volumes acumulados, na faixa entre 120 mm e 190 mm, foram maiores que nos outros dois estados, mas ainda assim insuficientes para atingir a média do mês.

Também no Sudeste, a maior parte da região fechou o mês com precipitação abaixo da média. Os menores volumes ocorreram em São Paulo, no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, com totais na faixa entre 50 mm e 120 mm. Nas demais regiões de Minas Gerais, no Rio de Janeiro e no

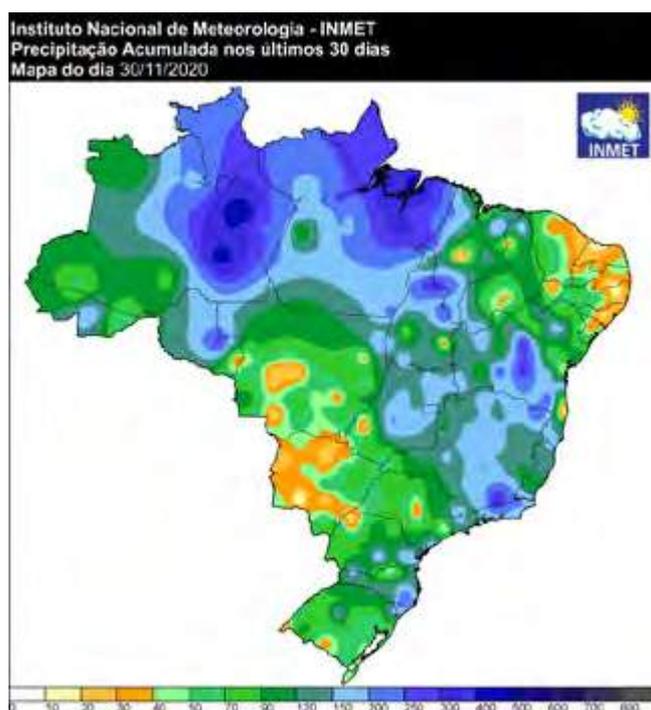
¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet - Brasília.

Espírito Santo, os totais ficaram na faixa entre 120 mm e 340 mm.

Na Região Sul, entre o norte do Rio Grande do Sul e o Paraná, as chuvas ficaram próximas ou acima da média em diversas localidades, com volumes entre 90 mm e 230 mm. Contudo, mais da metade desse total de precipitação ocorreu na última semana do mês, após três semanas de grande irregularidade na precipitação, principalmente no Rio Grande do Sul. Ainda assim, em algumas localidades no centro-sul do estado gaúcho, as precipitações mais intensas no final do mês não foram suficientes para atingir a média.

No Matopiba, a precipitação acumulada ficou acima ou próxima da média histórica na maioria das localidades. No extremo-sul do Piauí e no oeste da Bahia, os totais observados ficaram entre 100 mm e 200 mm. No norte do Tocantins e sul do Maranhão, os totais ficaram entre 150 mm e 400 mm, com destaque para a estação meteorológica de Carolina, no Maranhão, com acumulado de 400 mm, o que corresponde ao dobro da média para novembro.

FIGURA 1 - MAPAS DE PRECIPITAÇÃO ACUMULADA EM NOVEMBRO/2020



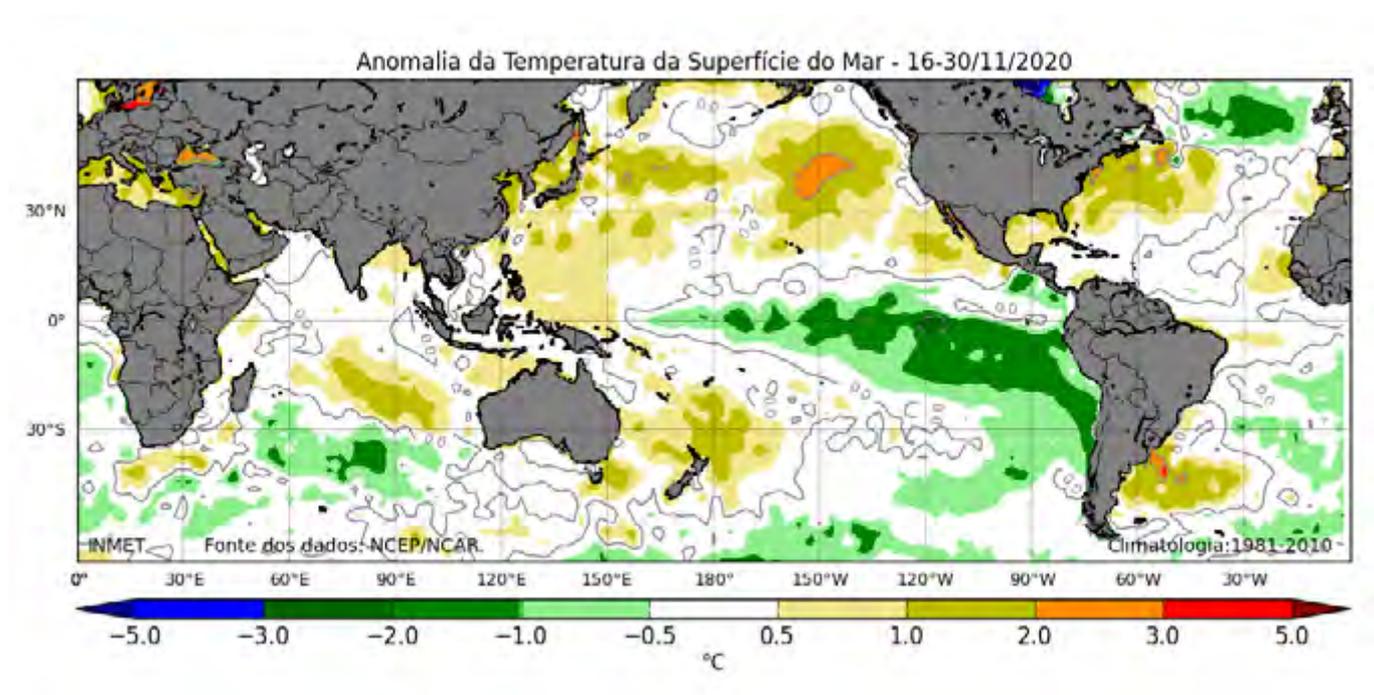
CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Na segunda quinzena de novembro, grande parte do Oceano Pacífico Equatorial manteve o padrão de La Niña dos últimos meses, com anomalias negativas abrangendo quase toda a faixa equatorial, como pode ser observado no mapa de anomalias de Temperatura da Superfície do Mar (TSM).

Os registros diários da TSM no Oceano Pacífico Equatorial nos últimos meses mostram uma sequência de vários dias com decréscimo da temperatura, atingindo e persistindo em um patamar de desvios negativos perto de $-1,3\text{ }^{\circ}\text{C}$, como pode ser observado no gráfico diário de anomalia de TSM na área 3.4 de El Niño/La Niña (entre 170°W - 120°W).

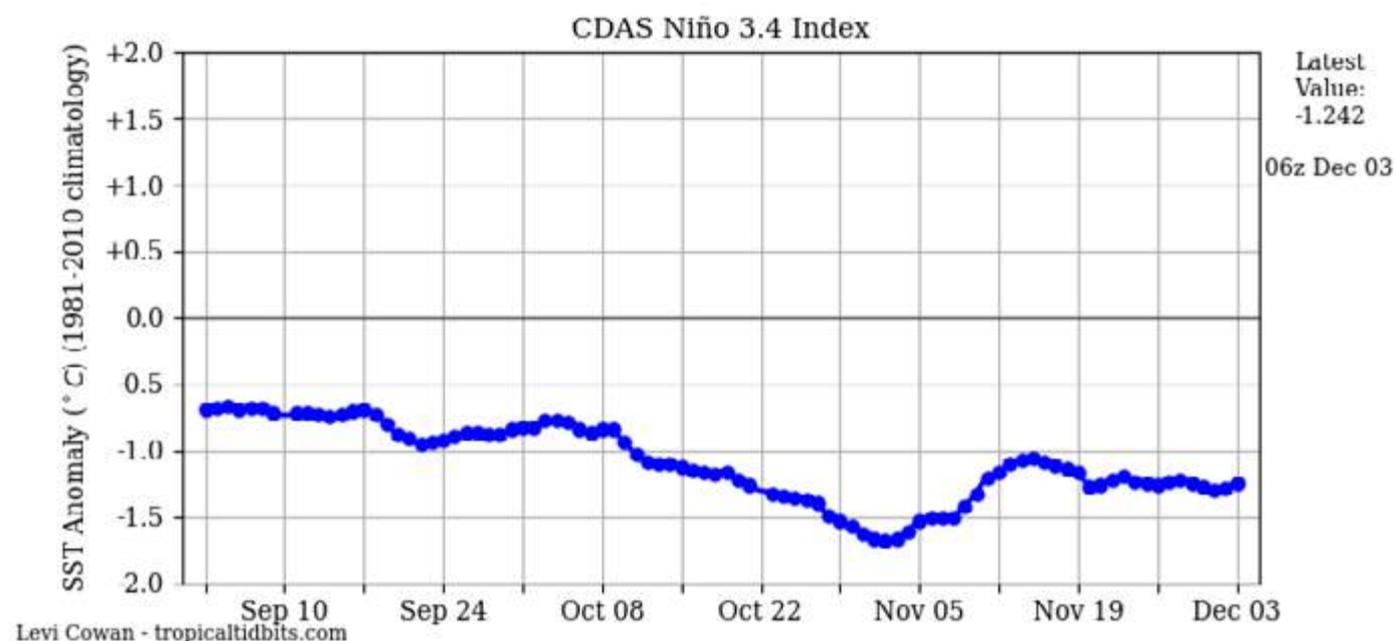
Considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está na fase neutra quando as anomalias médias de TSM estão entre $-0,5\text{ }^{\circ}\text{C}$ e $+0,5\text{ }^{\circ}\text{C}$.

FIGURA 2 - MAPA DE ANOMALIAS DA TSM NO PERÍODO DE 16 A 31/10/2020



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

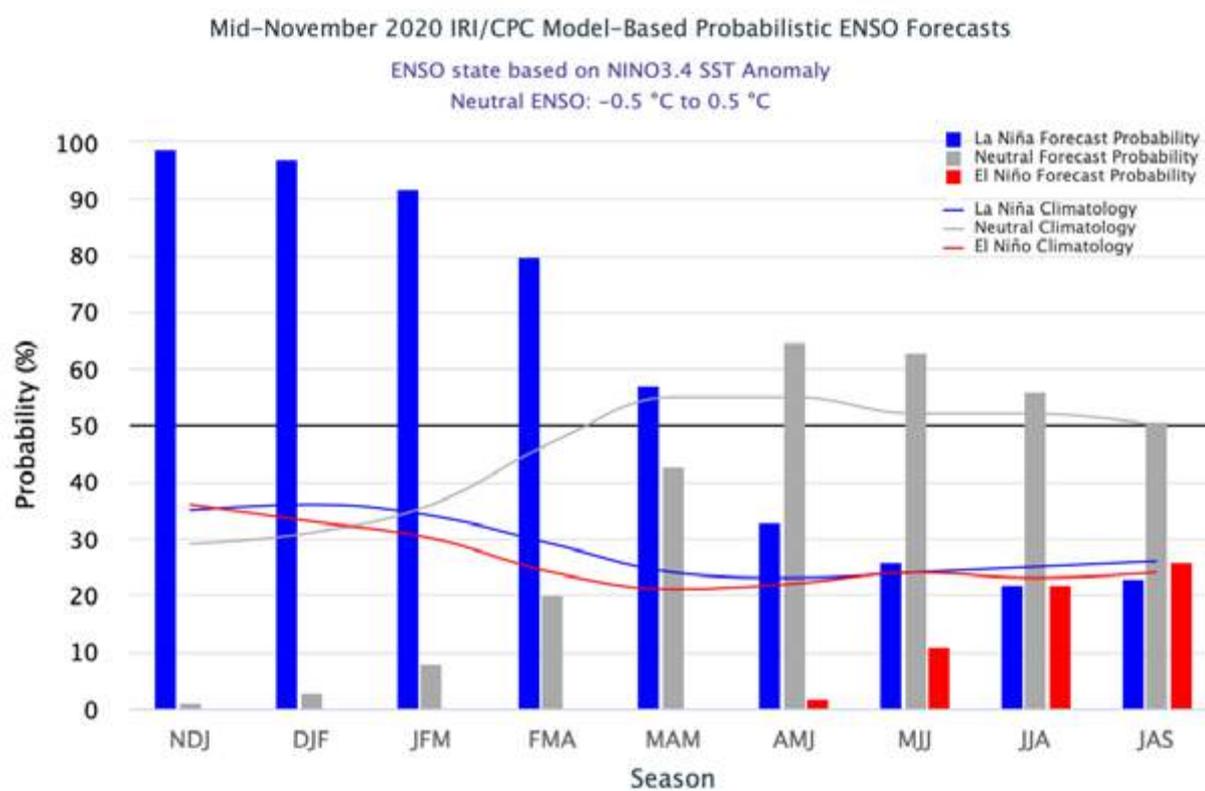
GRÁFICO 1 - GRÁFICO DE MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE EL NIÑO/LA NIÑA 3.4



Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>

O gráfico com a média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña apresenta probabilidades entre 90% e 100% de continuidade do fenômeno La Niña até o trimestre janeiro-fevereiro-março/2021.

GRÁFICO 2 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE EL NIÑO OU LA NIÑA



Fonte: IRI

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO 1.3. DEZEMBRO/2020 E JANEIRO-FEVEREIRO/2021

Para a Região Sul, as previsões climáticas indicam que o trimestre deve ficar com chuvas próximas ou abaixo da média climatológica no Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina. No Paraná e extremo-norte de Santa Catarina deve predominar áreas dentro da faixa normal do período ou ligeiramente acima.

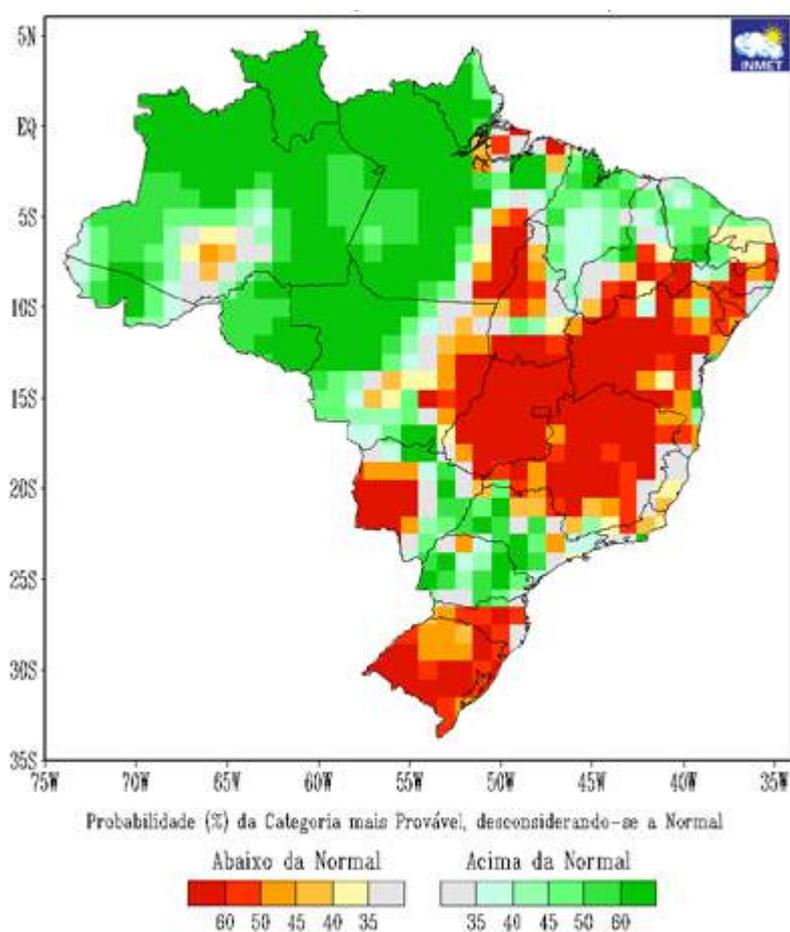
Para a região do Matopiba, há uma tendência de irregularidade espacial e temporal na distribuição das chuvas. O modelo do Inmet indica uma maior probabilidade de chuvas dentro da faixa normal ou acima em Tocantins e

no sul do Maranhão. Na Bahia e no sul do Piauí, as probabilidades são de chuvas abaixo da média.

As previsões climáticas indicam irregularidade espacial na distribuição das chuvas nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, com maior probabilidade de acumulado abaixo ou dentro da faixa normal do trimestral no oeste do Mato Grosso do Sul, leste do Mato Grosso, Distrito Federal, centro-norte de Goiás e de Minas Gerais. Nas demais localidades dessas regiões, a probabilidade de chuvas está dentro da faixa normal ou acima.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do [sítio do Inmet](#).

FIGURA 3 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE DEZEMBRO/2020 E JANEIRO-FEVEREIRO/2021



Fonte: Inmet

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

1.530 mil ha
-8,1%

PRODUTIVIDADE

1.745 kg/ha
-3,2%

PRODUÇÃO

2,7 milhões t
-11%

Comparativo com safra anterior
Algodão em pluma
Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.910,3 mil t
PRODUÇÃO 2.670,2 mil t
IMPORTAÇÕES 1 mil t
4.581,5 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 690 mil t
EXPORTAÇÕES 2.010 mil t
2.700 mil t

Com o período de vazio sanitário para a cultura se encerrando nas principais regiões produtoras, a semeadura do algodão começa a ser viabilizada, com o preparo inicial do solo e a realização dos manejos de pré-plantio. Fatores climáticos também estão sendo levados em conta para que as operações de cultivo sejam executadas dentro da janela ideal para cada região.

No geral, a estimativa para esta safra se mantém otimista, com previsão de destinação de aproximadamente 1.530 mil hectares para o plantio da cultura e uma produção esperada de 2.670,2 mil toneladas de pluma.

OFERTA E DEMANDA

O Brasil bateu dois recordes em relação às exportações em novembro. Em primeiro lugar, de acordo com o Ministério da Economia, o Brasil exportou 333 mil toneladas em novembro de 2020, volume 38% superior ao exportado no mês anterior e 29% acima do total de novembro de 2019. É a maior quantidade exportada em um único mês. O recorde anterior era de janeiro deste ano, quando foram embarcadas 309 mil toneladas.

Em segundo lugar, de janeiro a novembro de 2020, o Brasil vendeu para o exterior 1,75 milhão de toneladas de pluma, ou seja, já ultrapassou o recorde anual de 1,61 milhão de toneladas exportadas em 2019. Diante desse bom desempenho, a Conab estima que o volume exportado para 2020 chegue, pela primeira vez, a 2 milhões de toneladas em um ano. O Brasil se firma, cada vez mais, como um agente com capacidade de exportar algodão regularmente durante todo o ano.

Além, claro, do recorde de produção da safra 2019/20, quando o Brasil colheu 3 milhões de toneladas de pluma, o bom desempenho das vendas externas do Brasil são reflexos também da retomada da economia, depois do primeiro pico global da pandemia, e do incremento da capacidade logística, com o aumento de linhas, navios e contêineres.

Segundo o relatório de novembro de 2020 do Departamento de Agricultura dos EUA (Usda), as importações globais estimadas para a safra 2020/21 são de 9,32 milhões de toneladas, total 6,6% superior ao da safra 2019/20. Além disso, o volume é 0,9% superior às 9,23 milhões de toneladas importadas na safra 2018/19, período pré-pandemia.

TABELA 5 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA -EM MIL T

SAFRA		ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15		652,4	1.562,8	2,0	2.217,2	670,0	834,3	712,9
2015/16		712,9	1.289,2	27,0	2.029,1	640,0	804,0	585,1
2016/17		585,1	1.529,5	33,6	2.148,2	685,0	834,1	629,1
2017/18		629,1	2.005,8	30,0	2.664,9	670,0	974,0	1.020,9
2018/19		1.020,9	2.778,8	1,7	3.801,4	700,0	1.613,7	1.487,7
2019/20		1.487,7	3.001,6	1,0	4.490,3	580,0	2.000,0	1.910,3
2020/21	Nov/20	2.000,3	2.737,9	1,0	4.739,2	690,0	2.010,0	2.039,2
	Dez/20	1.910,3	2.670,2	1,0	4.581,5	690,0	2.010,0	1.881,5

Nota: Estimativa em dezembro/2020. Estoque de Passagem - Algodão: 31 de Dezembro

Fonte: Conab

ANÁLISE ESTADUAL

Na Região Centro-Oeste, que é considerada a maior região produtora, a intenção de plantio para esta safra é de 1.178,3 mil hectares, distribuídos entre os três estados (Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul), porém com quase 95% desse total devendo se concentrar em Mato Grosso.

O período de vazio sanitário já se encerrou na maioria das regiões produtoras do Centro-Oeste. E, neste momento, tem-se observado o preparo do solo para se iniciar o plantio.

As condições climáticas ainda apresentam oscilações, com chuvas irregulares em algumas localidades, mas que não devem comprometer a implantação das lavouras dentro do período ideal de semeadura.

Na Região Nordeste, a Bahia tem maior destaque, uma vez que, para este ciclo, a estimativa inicial é de destinação de quase 251 mil hectares para a cotonicultura. Lá, as operações de plantio já iniciaram, mais precisamente no centro-sul e no extremo-oeste baiano, apresentando, a princípio, condições

favoráveis para implantação e desenvolvimento das lavouras. Além da Bahia, outros estados como Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte também deverão apresentar cultivo, porém em menor proporção, fazendo com que a região totalize cerca de 294,2 mil hectares destinados à semeadura de algodão nesta temporada.

Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo são os representantes da cotonicultura nesta safra, com previsão de plantio de 40,1 mil hectares (35 mil hectares em áreas mineiras e 5,1 mil hectares no território paulistano). Nesse último estado, a semeadura já está avançada, com previsão de finalização ainda em dezembro de 2020. Já em Minas Gerais, o período de vazio sanitário foi finalizado no terceiro decêndio de novembro e, atualmente, as áreas estão em preparação para início do plantio.

Na Região Norte, Rondônia e Tocantins devem somar cerca de 16,5 mil hectares para o plantio de algodão nesta temporada. No primeiro estado serão cerca de 9,8 mil hectares, concentrados na porção sul rondoniense e que devem ser semeados apenas a partir de janeiro de 2021. Já no segundo estado, as operações de plantio devem acontecer entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021, com previsão de destinação de 6,7 mil hectares.

Na Região Sul, o Paraná tem sido o único representante, com o regresso da cotonicultura em uma área considerada pequena, mas que tem apresentado rendimento satisfatório. Nesta temporada, a área a ser plantada deverá ser de aproximadamente 900 hectares, o que representa uma redução de 25% em relação à da safra passada, apresentando substituição de área por soja, em virtude dos bons preços pagos pela oleaginosa. Atualmente, 40% da área prevista para plantio se encontra semeada, com ligeiro atraso frente ao ciclo anterior, em decorrência das baixas precipitações pluviométricas. Por esse motivo, as lavouras são consideradas em condições regulares, porém a

produtividade esperada é a mesma obtida na última safra.

QUADRO 1 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS GERAIS E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES* DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS – ALGODÃO

Legenda - Condição hídrica		
	Favorável	
	Baixa Restrição - Falta de Chuva	
	Média Restrição - Falta de Chuva	
	Alta Restrição - Falta de Chuva	
		
		

UF	Mesorregiões	Algodão - Safra 2020/2021											
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra		S/E	DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C		
	Sul Maranhense - 2ª Safra			S	E/DV	DV	F	F/FM	FM/M	M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense		S/E	E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano	S	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	M/C	C		
	Centro Sul Baiano	S/E	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/FM	FM	M	M/C	C	C		
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	PS	S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV/F	F	F/FM	FM/M	M/C	M/C	C	C		
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		S/E/DV	DV	F	F/FM/M	FM/M/C	M/C	M/C	C	C		
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
GO	Leste Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Leste Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	
	Sul Goiano - 1ª Safra		S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C		
	Sul Goiano - 2ª Safra			S/E/DV	DV	DV/F	F/FM	FM	FM/M	M/C	C	C	

* - (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab



Foto 1 – Plantio de algodão Extremo Oeste - BA

Fonte: Conab



ARROZ

ÁREA

1.719,2 mil ha
+3,2%

PRODUTIVIDADE

6.366 kg/ha
-5,2%

PRODUÇÃO

10.943,7 mil t
-2,1%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 437,5 mil t
PRODUÇÃO 10.943,7 mil t
IMPORTAÇÕES 1.100 mil t
12.481,2 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 10.800 mil t
EXPORTAÇÕES 1.100 mil t
11.900 mil t

As operações de plantio entram na fase final. De acordo com o progresso de safras da Conab, divulgado em 30 de novembro, o Brasil tinha semeado cerca de 78% da área de arroz. A Região Sul, onde se concentra mais de 66% da área cultivada no país, é a mais adiantada.

Nessa safra, a área cultivada com arroz deverá ser de 1.719,2 mil hectares, indicando incremento de 3,2% em relação a 2019/20. Desse total, 77% são manejadas em sistema irrigado, proporcionando altas produtividades.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra brasileira 2020/21 de arroz será 2,1% menor que a da safra 2019/20. Esse resultado é reflexo principalmente das estimativas de redução da produtividade (-5,2%), que utilizam, até o momento, apenas projeções estatísticas. Outro fator preponderante é a área, que aponta para uma menor expansão (+3,2%) do que inicialmente previsto nos modelos estatísticos.

Cabe ressaltar que a área estimada no presente trabalho foi resultado de pesquisa a campo dos nossos colaboradores das superintendências regionais. Como principais fatores da expansão aquém do previsto, apesar do atual patamar recorde de preço do arroz, destacam-se a falta de água em algumas regiões do Rio Grande do Sul e os elevados preços dos grãos que competem por área com cultura do arroz (soja e milho).

Caso se confirme a atual estimativa de produção de 11 milhões de toneladas para a safra 2020/21, projeta-se que não haverá uma forte reversão de preços e, com isso, dificilmente o Brasil manterá sua posição superavitária na balança comercial do arroz.

Neste cenário, a expectativa para safra 2020/21 é de equilíbrio, com as exportações e as importações sendo previstas em 1,1 milhão de toneladas.

Sobre o consumo, dado as projeções recentes do Boletim Focus de crescimento de 3,3% no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro para 2021, após uma forte retração estimada de 4,8% em 2020, projeta-se uma leve expansão de demanda nacional para 10,8 milhões de toneladas para a próxima safra. Como resultado das variáveis ilustradas acima, o estoque final da safra 2020/21 deverá ampliar, de forma amena, o seu volume e ficar com um total de 602,3 mil toneladas, no final de fevereiro de 2022.

TABELA 6- BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA -EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
2017/18	711,6	12.064,2	845,2	13.621,0	11.239,0	1.710,2	671,8
2018/19	671,8	10.483,6	1.037,7	12.193,1	10.278,1	1.360,9	554,1
2019/20	554,1	11.183,4	1.150,0	12.887,5	10.700,0	1.750,0	437,5
2020/21	Nov/20	537,5	10.961,8	1.100,0	12.599,3	10.800,0	699,3
	Dez/20	437,5	10.943,7	1.100,0	12.481,2	10.800,0	581,2

Nota: Estimativa em dezembro/2020

Estoque de Passagem - Arroz: 28 de Fevereiro

Fonte: Conab

ANÁLISE ESTADUAL

Na Região Norte, a previsão é de incremento na área plantada em comparação à safra anterior, podendo potencializar a produção, que atualmente está estimada em 1.005,7 mil toneladas (aumento de 1,4% em comparação à safra passada). Com isso, a Região deverá se configurar como a segunda maior produtora nacional de arroz.

Em Roraima, o cultivo é exclusivamente irrigado e acontece em dois momentos. Uma parte das lavouras, denominada safra de verão, é semeada agora, a partir de outubro. O outro cultivo acontece em maio, no período das chuvas, com manejo irrigado por inundação. A estimativa é que, ao todo, sejam destinados cerca de 11,3 mil hectares à rizicultura nesta safra, indicando aumento de 9,7% em relação à temporada passada, motivado pelo elevado preço do arroz.

Em Rondônia, o cultivo será exclusivamente de sequeiro, nos dois períodos previstos para o plantio. As primeiras estimativas apontam para uma área

total cultivada de 42,5 mil hectares, com perspectiva de produção superior a 137 mil toneladas.

No Acre, o cultivo é unicamente de sequeiro e o plantio ocorre, comumente, entre outubro e dezembro, época mais favorável ao desenvolvimento da cultura devido ao período chuvoso. Na safra atual, devido ao baixo volume de chuvas, o plantio deve se estender até janeiro de 2021.

De maneira geral, a produção de arroz no Acre é para consumo familiar, sendo cultivado em pequenas áreas por ribeirinhos, extrativistas e produtores rurais, com áreas em média de 1 a 3 hectares. A cada ano as áreas de cultivo estão reduzindo, já que os consumidores preferem consumir arroz de outras regiões produtoras. Mesmo com o aumento da demanda e do preço comercial do arroz, a tendência é de retração na área.

No Amazonas, o cultivo de arroz acontece basicamente para o consumo próprio, manejado em condição de sequeiro. A intenção é de cultivar 2,9 mil hectares, incremento de 20,8% em relação à safra passada.

No Pará houve pequena redução na estimativa de área plantada em relação à 2019/20, indicando destinação de 44,1 mil hectares nesta safra. Para a produção, a perspectiva é de obtenção de 111 mil toneladas.

Em Tocantins, a previsão inicial para o arroz de sequeiro é de aumento na área plantada nesta safra em comparação ao exercício anterior, especialmente em razão da maior valorização do grão no mercado. Com o advento das últimas chuvas ocorridas no estado, o plantio teve início, mesmo que de forma incipiente. A maior parte dos produtores ainda aguarda a regularização das chuvas e aumento na umidade do solo, para consolidação do plantio, que deve ocorrer a partir deste mês.

Para o arroz irrigado, o plantio se encontra mais acelerado, com aproximadamente 75% da área já semeada. A partir de primeiro de dezembro os produtores foram autorizados a bombear água do rio formoso, fato que deu mais otimismo aos produtores, já que o regime de chuvas não vem favorecendo neste momento.

Na Região Nordeste, a intenção é de aumento na área plantada em comparação ao ciclo passado. A estimativa é que sejam semeados 165,5 mil hectares, distribuídos em oito estados da região.

No Maranhão, a cultura é manejada tanto em sequeiro quanto em condição irrigada. A área com o arroz irrigado é semeada entre julho e setembro, correspondendo a 2,6 mil hectares. A colheita foi iniciada em outubro e se estenderá até dezembro, com cerca de 75% da área total colhida e 25% da cultura em maturação.

O arroz de sequeiro, na atual safra, tem a estimativa de aumento de área plantada em 5,8% em relação à safra passada em razão de expansão de área favorecida pela elevação do preço do produto praticado.

No Piauí, a área de arroz deve apresentar incremento de 4,3% em relação à safra passada. Esse aumento é devido principalmente ao preço atrativo do cereal. O plantio deverá ter início entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021. A área de arroz no estado é predominantemente oriunda da agricultura familiar, com exceção das áreas irrigadas, onde predomina a agricultura empresarial.

Em Alagoas, a cultura é manejada em condição irrigada. Nesta safra, a intenção é de manutenção de 3,1 mil hectares, com estimativa de produção acima das 20 mil toneladas.

Em Sergipe, o plantio de arroz foi finalizado em novembro, assim como a colheita já foi iniciada em algumas áreas. As condições das lavouras são boas, com alguns relatos localizados de brusone, mas controlada e sem causar prejuízos significativos, de forma que o rendimento médio esperado é de 7.126 kg/ha.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, a estimativa é de incremento na área plantada em 11,9%, quando comparada à última safra, ficando em 170,6 mil hectares semeados. Quanto à produção, espera-se que sejam colhidas cerca de 643,2 mil toneladas, representando incremento de 8,3% em relação a 2019/20.

Em Mato Grosso, foi dada a largada para o plantio do arroz, que já acumula 19,3% até o encerramento de novembro. No entanto, apesar dos excelentes preços atribuídos à cultura e também à possibilidade de seu uso em áreas de abertura, há algumas adversidades que se impõem à cultura na atual conjuntura, a exemplo dos excelentes preços atribuídos à soja e ao milho.

Em Mato Grosso do Sul, a baixa precipitação, até o momento, tem permitido um melhor controle das águas de irrigação, resultando em baixa incidência de plantas invasoras, pragas e doenças, contribuindo para o desenvolvimento da cultura, e a tecnologia aplicada e monitoramento constante têm sido fundamental para a boa produtividade do cereal.

O plantio da soja em lavouras de arroz vem se tornando cada vez mais frequente nos municípios produtores, estabelecendo uma rotação de culturas e assim reduzindo custos com defensivos e reestruturando o solo por meio da fixação biológica de nitrogênio. O principal fator estabelecido pela rotação soja/arroz é o controle de infestação da principal invasora do cereal, o arroz vermelho.

Alguns municípios do sudoeste do Mato Grosso do Sul apresentaram dias nublados que podem acarretar problemas futuros na produtividade pela falta de luminosidade em lavouras que se encontram em fases mais avançadas de desenvolvimento.

A cultura apresenta-se em estádios bastante distintos nas diferentes regiões cultivadas devido ao escalonamento de semeadura, havendo ainda 7% das áreas que serão semeadas com arroz em trabalhos de preparo de solo, com plantio previsto para dezembro e janeiro. Das áreas em produção, 35% estão na fase vegetativa, 20% em floração, 40% em enchimento de grãos e 5% pronto para colheita.

Em Goiás, a área do arroz irrigado deve aumentar, principalmente pelas boas cotações do cereal. Áreas sob regime de pivô central devem receber a semente de cultivares próprias, e a semeadura deve se estender até fevereiro.

A estimativa de área para esta safra é de 18,2 mil hectares, onde os polos de Flores de Goiás, São João D'Aliança e São Miguel do Araguaia correspondem a 80% das áreas irrigadas do estado.

Na Região Sudeste, a estimativa é de manutenção da área cultivada em 10,5 mil hectares, apresentando cultivo nos quatro estados, com maior concentração de área em São Paulo.

Em São Paulo, a última safra teve uma considerável infestação de cigarrinha nas lavouras de arroz, algo que pode influenciar no manejo da cultura para essa temporada. A previsão é de destinação de aproximadamente 8,3 mil hectares para a rizicultura, com mais de 85% dessa área sendo manejada em condição irrigada.

Em Minas Gerais, o plantio foi iniciado apenas nas áreas de manejo irrigado. O plantio é estimado em 75% da área, e, das lavouras que já estão implantadas, cerca de 30% estão em emergência e 70% em desenvolvimento vegetativo. As operações de plantio se estenderão até dezembro.

Nesse terceiro levantamento, estima-se área de 2 mil hectares cultivadas com arroz em Minas Gerais, mantida estável em comparação com a safra anterior. Fatores como a baixa competitividade desta cultura em relação a outras mais rentáveis, vulnerabilidade aos riscos climáticos e restrições ao cultivo em áreas de várzea são as causas apontadas para esta redução, principalmente nos sistemas de sequeiro e de várzea úmida.

Parte das lavouras ainda existentes são conduzidas por produtores tradicionais em pequenas áreas e com baixo nível tecnológico, e se destinam basicamente ao consumo próprio, com eventuais excedentes sendo comercializados em mercados locais e regionais. As áreas irrigadas são cultivadas em municípios com tradição de cultivo, com obtenção de produtividades mais elevadas. O plantio ocorre normalmente entre outubro e dezembro.

Na Região Sul, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado, apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado em sequeiro. A estimativa é que a área cultivada com o arroz na região seja de 1.139,7 mil de hectares, representando aumento de 2% em relação à última safra.

No Paraná, o plantio, que ainda não foi finalizado, está mais lento este ano devido à escassez hídrica. Os rios menores estão com nível de água muito baixo e não dá para bombear para irrigação. Existe uma concorrência com soja nas áreas de plantio e somente não ocorreu decréscimo de área

em relação à safra anterior devido aos bons preços do arroz. Devido à irrigação, as condições das lavouras estão boas.

Já para o arroz de sequeiro, este é uma cultura de subsistência, em processo de constante redução de área, sem utilização de muita tecnologia. O plantio está praticamente finalizado, estando as lavouras no estágio de desenvolvimento vegetativo. Uma parte considerável das lavouras se encontra em condições regulares de desenvolvimento devido à ocorrência de chuvas abaixo da ideal.

Em Santa Catarina, o plantio já está consolidado em 99% da área e estima-se que nas próximas duas semanas esteja concluído. A falta de chuvas em agosto e setembro causou atrasos na implantação das lavouras em alguns municípios. Com a normalização do regime de precipitação nesses locais, os produtores conseguiram fazer a maior parte da semeadura em outubro. Em algumas áreas semeadas em agosto, excepcionalmente, houve a necessidade de ressemeadura. Também em razão da escassez de água, uma parte dos produtores optaram pela semeadura em solo seco, em vez de usar o sistema pré-germinado; essa prática favorece o controle do estabelecimento de plantas invasoras, principalmente o capim-arroz.

A região norte do estado, que tradicionalmente semeia mais cedo, o clima mais quente e úmido que o sul, em virtude da colheita da rebrota ou soca, apresenta as lavouras em estágio mais avançado de desenvolvimento vegetativo e início de florescimento.

Até o momento não foram verificados problemas com doenças e pragas, pontualmente algum problema com percevejo e brusone, porém ambos estão sendo controlados com as pulverizações contumazes.

No Rio Grande do Sul, a semeadura do arroz evoluiu no último mês, passando de 64% para 92%, favorecida pela pouca ocorrência de precipitações no estado. O baixo índice pluviométrico, por outro lado, teve impacto na germinação e emergência das lavouras, ocasionando, em muitos locais, falhas de emergência e a necessidade da realização de “banhos” para uniformização. Porém, de maneira geral, as lavouras estão em boas condições de desenvolvimento e apresentam potencial produtivo dentro do esperado.

A falta de chuvas regulares durante boa parte do ano fez com que boa parte das barragens e mananciais naturais, principalmente nas regiões Fronteira Oeste, Campanha e Central, estejam atualmente com capacidade inferior ao desejado. Isso pode vir a limitar a expansão da área cultivada nessas regiões e, até mesmo, reduzir a área efetivamente semeada em relação à estimativa inicial. Como a janela de semeadura ainda está aberta, os próximos dias serão determinantes na definição da área total cultivada.

QUADRO 2 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica			
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Arroz - Safra 2020/2021											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	
RO	Leste Rondoniense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
PA	Sudoeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Sudeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
TO**	Ocidental do Tocantins				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C		
MA	Centro Maranhense						S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
PR**	Noroeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SC**	Norte Catarinense	PS	S	S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí	PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C				
	Sul Catarinense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	C				
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C				
	Sudeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C				

Nota: * - (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - irrigado

Fonte: Conab

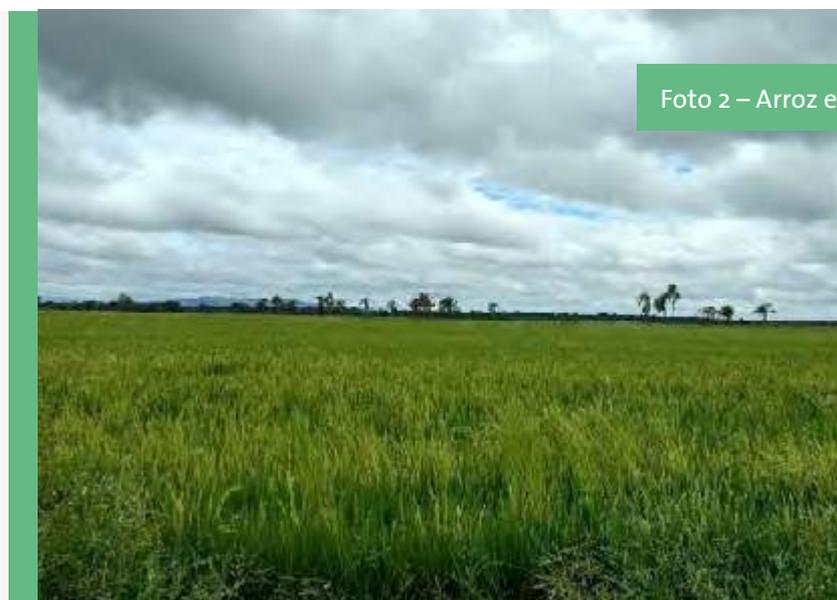


Foto 2 – Arroz em Flores de Goiás-GO

Fonte: Conab



FEIJÃO

ÁREA

2.928,5 mil ha
+0,1%

PRODUTIVIDADE

1.065 kg/ha
-3,4%

PRODUÇÃO

3.120,3 mil t
-3,2%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 272,8 mil t
PRODUÇÃO 3.120,3 mil t
IMPORTAÇÕES 100 mil t
3.493,1 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 3.050 mil t
EXPORTAÇÕES 160 mil t
3.210 mil t

A cultura é considerada de ciclo curto e, por isso, apresenta uma vantagem para o produtor, que consegue adequar o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de primeira safra semeado entre agosto e dezembro, o de segunda safra cultivado entre janeiro e abril e o de terceira safra semeado de maio a julho.

Nesta temporada 2020/21, a expectativa é de destinação de 915,7 mil hectares, neste primeiro ciclo, para o plantio de feijão, com uma projeção de produção na ordem de 1.058,6 mil toneladas, somando os feijões do tipo comum cores, comum preto e caupi.

Já para a produção total, incluindo as estimativas de segunda e terceira safras, a previsão é de destinação de 2.928,5 mil hectares para o cultivo da cultura (considerando o feijão-comum cores, o feijão-comum preto e o feijão-caupi), com uma produção esperada de 3.120,3 mil toneladas.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estimou para a safra 2019/20 uma produção de 3,22 milhões de toneladas, volume 6,8% superior ao produzido na safra anterior. Já a demanda, esta foi estimada em 3,15 milhões de toneladas, quantidade 3,3% superior ao da temporada 2018/19.

Assim, apesar desse aumento estimado no consumo, estimulado por mudanças de hábitos desencadeados pela pandemia, como o maior número de refeições em casa e doação de cestas básicas, os estoques finais cresceram 13,3% em relação aos da safra 2018/19, fechando em cerca de 272,8 mil toneladas.

Já em sua terceira estimativa para a safra 2020/21, a Conab estima uma produção de 3,12 milhões de toneladas de feijão, computando as 3 safras, esse volume representa uma queda de 3,2% ao estimado para a safra 2019/20. Com o fim do auxílio emergencial, menor produção e preços em patamares mais elevados que no período anterior, a perspectiva é que o consumo interno caia 3,2% na safra 2020/21, retornando ao mesmo nível da safra 2018/19, que foi de 3,05 milhões de toneladas.

Ao se confirmar a produção e o consumo estimados, os estoques finais da safra 2020/21 se elevariam para 283,1 mil toneladas, ante as 272,8 mil toneladas de estoques finais estimados para o ciclo 2019/20, aumento de 3,8%. Esse volume é condizente com os patamares históricos da cultura, o que deve contribuir para a manutenção da normalidade do abastecimento para a safra 2020/21 de feijão.

TABELA 7 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
2017/18	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
2018/19	287,4	3.017,7	149,6	3.454,7	3.050,0	164,0	240,7
2019/20	240,7	3.222,1	100,0	3.562,8	3.150,0	140,0	272,8
2020/21	Nov/20	272,8	3.103,4	100,0	3.476,2	3.050,0	266,2
	Dez/20	272,8	3.120,3	100,0	3.493,1	3.050,0	283,1

Nota: Estimativa em dezembro/2020

Estoque de Passagem - feijão: 31 de dezembro

Fonte: Conab

ANÁLISE ESTADUAL - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

FEIJÃO-COMUM CORES

A safra 2020/21 está em andamento em quase todo país, apresentando regiões com os mais variados estádios de desenvolvimento. Em São Paulo, por exemplo, mais da metade da área plantada nessa primeira safra já está colhida, gerando um abastecimento importante no mercado com as primeiras remessas do grão nessa nova temporada.

De modo geral, as lavouras de feijão-comum cores pelo país ainda estão em desenvolvimento, visto que algumas delas têm enfrentado oscilações climáticas importantes durante o ciclo, especialmente nas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, que passaram por períodos de baixo nível de precipitação e com registro de altas temperaturas, algo que pode acarretar em prejuízos para a cultura e para o rendimento de seus grãos. Atualmente, a projeção é de redução na produção em comparação à safra 2019/20, devendo ficar em 568,9 mil toneladas colhidas (diminuição de 6,6% em relação à temporada passada).

Em Minas Gerais, o plantio está em fase final, devendo se encerrar ainda em dezembro de 2020. A perspectiva é de incremento na área semeada em relação ao exercício anterior, alcançando 127,9 mil hectares (aumento de 5,3%). As regiões sul e zona da mata estão em situação mais adiantada no desenvolvimento da cultura, pois apresentaram chuvas no início de outubro, que condicionaram melhor o solo para um cultivo mais precoce. No geral, as lavouras estão em condições regulares, com oscilações climáticas importantes, que podem impactar o potencial produtivo da cultura. Atualmente, a estimativa é de 172,7 mil toneladas colhidas.

No Paraná, a área plantada com o feijão-comum cores nesta primeira safra será inferior àquela registrada em 2019/20. Os produtores optaram pela soja, em sua maioria, devido aos bons preços da oleaginosa e por esta ser uma cultura menos sensível às intempéries que o feijão. Apesar dos preços atuais serem mais remuneradores, o mercado oscila muito e a produtividade também. A maior parte da produção desta primeira safra destina-se para consumo local. O plantio se encontra finalizado, e os estádios das lavouras vão desde desenvolvimento vegetativo até maturação. Ao todo, foram 44,5 mil hectares semeados nesse ciclo (redução de 2,8% em comparação à temporada anterior), com perspectiva de produção de 80,1 mil toneladas colhidas (diminuição de 13% em relação a 2019/20).

Em Santa Catarina, o feijão-comum cores é semeado, tradicionalmente, na região dos campos de altitude, apresentando um plantio mais tardio em comparação ao cultivo do feijão-comum preto. A semeadura está em andamento, com aproximadamente 60% dos 14,1 mil hectares previstos para essa primeira safra já semeados. Como a região produtora dispõe de clima mais ameno e estando a maior parte das lavouras em desenvolvimento

vegetativo, fase menos sensível ao déficit hídrico, ainda é possível alcançar boas produtividades, desde que as chuvas sejam mais regulares.

No Rio Grande do Sul, a estimativa é de manutenção da área plantada visualizada na temporada passada para este ciclo (cerca de 10 mil hectares). As condições climáticas estão oscilando nas principais regiões produtoras do estado, com o registro de chuvas irregulares e com níveis abaixo do esperado. A expectativa é de retomada das precipitações para melhor desenvolvimento das lavouras, atendendo as demandas hídricas da cultura, especialmente nas fases mais críticas do ciclo da cultura.

Na Bahia, a semeadura iniciou a partir de novembro e já se aproxima dos 40% de área plantada em relação a sua estimativa (cerca de 59,2 mil hectares). De maneira geral, as condições climáticas são consideradas favoráveis à implantação e desenvolvimento das lavouras, até o momento.

Em Goiás, o manejo do feijão-comum cores nesse período é quase todo irrigado, alcançando bons rendimentos médios. Nessa safra, as lavouras estão se desenvolvendo relativamente bem, mesmo com a escassez de precipitações visualizadas neste primeiro momento. No geral, a cultura apresenta boas condições de desenvolvimento e a perspectiva é que a partir da segunda quinzena de dezembro até o fim de janeiro de 2021 se concretize a colheita. A estimativa é que sejam destinados cerca de 42,6 mil hectares para a semeadura da cultura nesta safra, podendo alcançar uma produção de mais de 91,6 mil toneladas. Outras Unidades da Federação que se destacam na produção do feijão-comum cores na primeira safra e que estão fora do eixo Sudeste-Sul são: Distrito Federal, Pará, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Algumas dessas áreas estão em plena implantação das lavouras, enquanto outras ainda esperam o encerramento do período

de vazio sanitário ou, até mesmo, a melhoria das condições climáticas para iniciarem ou intensificarem tal cultivo.

FEIJÃO-COMUM PRETO

A Região Sul é responsável por mais de 91% das áreas previstas para o plantio de feijão-comum preto nesta primeira safra da temporada 2020/21. O Paraná é o grande destaque, com cerca de 103,7 mil hectares, que devem ser destinados ao cultivo do produto neste ciclo. As condições climáticas estão oscilantes desde o início, visto que a ocorrência de precipitações abaixo do nível desejado, bem como as baixas temperaturas registradas em alguns períodos podem impactar na produção final. Atualmente, a expectativa é que sejam colhidas cerca de 197 mil toneladas, representando redução de 13,3% em comparação a 2019/20.

No Rio Grande do Sul serão cerca de 26,8 mil hectares destinados ao cultivo de feijão-comum preto nessa primeira safra. Boa parte das lavouras já estão implantadas e seguem em pleno desenvolvimento, inclusive com avanços mais expressivos nas áreas do oeste, Planalto Médio e Alto Uruguai. As oscilações climáticas visualizadas neste ciclo preocupam os produtores, especialmente em relação à escassez de chuvas nas fases mais críticas da cultura, podendo impactar no rendimento médio obtido.

Em Santa Catarina, mais de 89% da área estimada para o plantio do feijão-comum preto nesta primeira safra está semeada. Serão cerca de 16,2 mil hectares destinados ao cultivo da cultura nesse período, com uma projeção de produção na ordem de 31,5 mil toneladas. O clima tem se demonstrado fator importante ao estabelecimento das lavouras, pois a estiagem tem impedido um avanço mais célere do plantio que deve terminar ainda em dezembro.

Além da Região Sul, vale ressaltar o cultivo do feijão-comum preto nesse período em Minas Gerais, Espírito Santo, Distrito Federal e Rio de Janeiro, mesmo que em áreas menores.

FEIJÃO-CAUPI

Esse é um tipo de feijão que apresenta rusticidade bastante elevada, especialmente em relação à demanda hídrica, adaptando-se bem às condições de menor disponibilidade de água. Por isso, sua maior representatividade é na Região Nordeste e em áreas com características mais áridas no Centro-Oeste e no Sudeste (particularmente em Mato Grosso e Minas Gerais, respectivamente).

Nesta primeira safra, os maiores destaques ficam por conta do cultivo no Piauí e na Bahia, que, juntos, devem representar mais de 86% da área estimada para o plantio do feijão-caupi em todo o país. Ao todo, deverão ser mais de 387,5 mil hectares semeados com a cultura nesse período.

O plantio da cultura é, usualmente, mais tardio, se comparado ao feijão-comum cores e feijão-comum preto, e isso tem certa relação com o regime pluviométrico “diferente” encontrado nessas regiões produtoras. A tendência é que as operações sejam intensificadas a partir de novembro e dezembro, podendo se estender até o início do próximo ano em algumas localidades.

QUADRO 3 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva				

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2020/2021											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
	Centro Norte Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
MT**	Centro Sul Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense				S/E	DV	F	EG/M/C	M/C				
	Norte Mato-grossense				S/E	DV/F	F/EG	M/C	C				
GO	Leste Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Sul Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Norte Goiano				S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C				
DF	Distrito Federal				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Noroeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Norte de Minas					S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C			
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Oeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Campo das Vertentes				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Zona da Mata				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
SP**	Bauru	PS	S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C	C					
	Assis	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C						
	Itapetininga	S/E	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense				S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense				S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense				S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Sudoeste Paranaense				S/E/DV	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
	Sudeste Paranaense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
SC	Metropolitana de Curitiba				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C			
	Oeste Catarinense				S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Norte Catarinense				S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
RS	Serrana				S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Noroeste Rio-grandense				S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	C				
	Nordeste Rio-grandense				S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre				S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C			

* - (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - parte irrigado

Fonte: Conab



MILHO

ÁREA

18.436,9 mil ha

-0,5%

PRODUTIVIDADE

5.564 kg/ha

+0,6%

PRODUÇÃO

102.589,2 mil t

+0,1%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 10.642,4 mil t

PRODUÇÃO 102.589,2 mil t

IMPORTAÇÕES 1.000 mil t

114.231,6 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 71.827,4 mil t

EXPORTAÇÕES 35.000 mil t

106.827,4 mil t

A semeadura do milho de primeira safra, para a temporada 2020/21, está em andamento, afetada pelo atraso e inconstâncias do clima, que estão prejudicando o plantio e desenvolvimento das lavouras, por todo o país. Em algumas áreas, o clima tem sido seco e com baixa umidade nos solos, dificultando o cultivo. Em outras, as chuvas estão ocorrendo com intensidade e regularidade maiores, auxiliando no acúmulo hídrico dos solos, estabelecendo, nesta fase, forte competição entre as lavouras de milho e soja, com prejuízo para o cereal, que nas últimas safras vinha apresentando incrementos continuados na área plantada.

Dessa forma, a estimativa de área plantada para a atual safra indica redução de 2,1% no plantio de verão em comparação ao total semeado em 2019/20, atingindo agora 4.145,4 mil hectares. Atualmente, as previsões que envolvem o plantio do milho segunda e terceira safras seguem um raciocínio metodológico próprio da companhia, relacionando dados subjetivos e análises estatísticas de registros históricos para tais predições. Assim, as expectativas totais para a cultura na safra 2020/21 é de uma área total de 18.436,9 mil hectares e uma produção aproximada de 102,6 milhões de toneladas.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2020/21, a companhia apresenta os novos números esperados. A produção total para a safra é de 102,6 milhões de toneladas, ou seja, um número 2,2% inferior ao divulgado no boletim de novembro. O ajuste se deve às possíveis reduções de produtividade da primeira safra estimado pela Conab devido a adversidades climáticas na Região Sul do país.

Para os dados de consumo doméstico total, a Conab mantém o número de 68,7 milhões de toneladas de milho consumidas internamente para 2019/20 e 71,8 milhões de toneladas para a safra 2020/21.

Por outro lado, a Conab elevou suas projeções de importação para 1,1 milhão de toneladas na safra 2019/20, em publicação anterior foi estimado 950 mil toneladas. O ajuste se deve à necessidade de milho para suprir o consumo ao início de 2021 diante de uma menor oferta do cereal disponível para comercialização, além do fato que os aumentos das cotações internas permitiram que o custo de importação fosse bastante próximo do valor do produto interno. Para as importações da safra 2020/21, a nova estimativa conservadora é de 1 milhão de toneladas, contra 900 mil toneladas estimada anteriormente.

Diante dos ajustes realizados, o estoque final esperado na safra 2019/20 deverá ser de 10,6 milhões de toneladas, volume suficiente para atender a demanda por aproximadamente um mês e vinte quatro dias a partir de fevereiro de 2021.

Para o estoque final, esperado ao fim da safra 2020/21, projetamos um total de 7,4 milhões de toneladas, redução de 30,2% em relação à safra anterior. Esse fato se deve ao contínuo crescimento do consumo interno

em contraponto com a nova expectativa de volume a ser produzida em 2020/21 relativamente no mesmo patamar da safra 2019/20.

TABELA 8 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014/15	12.158,1	84.672,4	315,4	97.145,9	56.483,3	30.131,3	10.531,3
2015/16	10.531,3	66.530,6	3.336,2	80.398,1	56.319,1	18.847,3	5.231,7
2016/17	5.231,7	97.842,8	952,5	104.027,0	57.337,3	30.813,1	15.876,6
2017/18	15.876,6	80.709,5	900,7	97.486,8	59.162,0	23.742,2	14.582,6
2018/19	14.582,6	100.042,7	1.596,4	116.221,7	64.957,8	41.074,0	10.189,9
2019/20	10.189,9	102.515,0	1.100,0	113.804,9	68.662,5	34.500,0	10.642,4
2020/21	Nov/20	10.492,4	104.890,7	900,0	116.283,1	71.827,4	9.455,7
	Dez/20	10.642,4	102.589,2	1.000,0	114.231,6	71.827,4	7.404,2

Nota: Estimativa em dezembro/2020

Estoque de Passagem - Milho: 31 de Janeiro

Fonte: Conab

AVALIAÇÃO POR ESTADO

Na Região Norte/Nordeste, estima-se redução de 2,9% na intenção de plantio, ocupando uma área de 1.286,5 mil hectares.

Em Tocantins, estima-se aumento de área em torno de 9,5%, atingindo 45,6 mil hectares, motivado pelas atuais cotações do grão nas diferentes praças do país e no mercado externo. O plantio iniciou-se de forma tímida em algumas regiões, e a previsão é de que esse ritmo se intensifique a partir de dezembro.

No Pará, a expectativa de plantio estabeleceu-se um pouco abaixo da safra passada, cerca de 1,8%, atingindo 160,6 mil hectares. Segundo informantes, os criadores de aves têm estimulado os produtores a plantar milho devido à escassez do produto, mas sem garantias de custeio da safra. Daí, muitos produtores passaram a explorar a cultura da soja em

detrimento do cereal, por ter mercado com preços mais sustentáveis e maior facilidade na obtenção de recursos para custear a lavoura.

No Maranhão, a região sul e alguns municípios da região oeste iniciaram o plantio da primeira safra de milho no final de novembro, e a semeadura deverá ocorrer até o início de fevereiro de 2021, nas demais regiões do estado. Grande parte dos produtores familiares aguarda a distribuição de sementes de milho do governo, cujo plantio deverá ter início com a estabilização das chuvas. O cultivo pela agricultura familiar é realizado com baixa tecnologia, consorciado com outras lavouras, como arroz, feijão-caupi, mandioca e, por esta razão, com baixa produtividade. A produção desse segmento é voltada para subsistência, uso para ração e comercialização de milho verde. Em alguns municípios, a prefeitura realiza o preparo do terreno com tratores e arado para parte da comunidade, estimulando a prática agrícola. Nas grandes propriedades, principalmente nas regiões sul, sudoeste, centro e leste maranhense, é observado amplo uso de tecnologia e insumos modernos, e a cultura atinge elevadas produtividades. A colheita ocorrerá entre março e julho de 2021.

Na Bahia, a estimativa é de praticamente a manutenção da área em relação à safra passada. A semeadura das lavouras foi iniciada em novembro, com a chegada da estação chuvosa. Este cultivo é conduzido por pequenos produtores que destinam a produção à subsistência e à venda nos circuitos curtos de comercialização e por médios e grandes produtores que destinam a produção ao mercado atacadista e granjeiro.

Na Região Centro-Oeste deverá ocorrer a maior redução percentual no plantio, com a área cultivada apresentando redução de 25,4% em relação ao plantio da safra anterior, representando a intenção de semear 266,5 mil hectares.

Em Mato Grosso, o milho da primeira safra, tradicionalmente, tem espaço bastante limitado por conta da prioridade dada à soja na safra de verão. Mesmo assim, nesta safra, o cereal apresentará incremento na área devido à ocorrência de replantios sobre áreas de soja, que se fez necessário devido à falta de chuvas. Esta é a explicação para o forte incremento de 15,5% em relação à área da safra anterior, representando o maior incremento percentual de plantio com o cereal no país, atingindo agora 47,6 mil hectares. Estima-se que a semeadura tenha atingido 65,8% da área até o encerramento de novembro, devendo se estender até dezembro.

Em Mato Grosso do Sul, praticamente todo o milho de primeira safra é cultivado na região norte/nordeste e normalmente é implantado após a semeadura da soja, cujo atraso na operação impactou nas operações com o milho. Até o momento foram semeadas um terço das áreas previstas, uma vez que 13% estão em germinação e 87% em desenvolvimento vegetativo. A grande maioria dos produtores aguardam o retorno das chuvas para então retomarem as atividades com a cultura. A estimativa é que, com a concretização das previsões climáticas atuais, toda área de milho deve ser implantada até 15 de dezembro. O atraso não impacta na expectativa de produtividade das lavouras que, devido à alta tecnologia empregada, está estimada em 9.168 kg/ha.

Em Goiás, os últimos plantios estão sendo realizados. Alguns municípios com áreas próximas às granjas de aves e suínos já estão com suas áreas cultivadas e com a produção já comprometida para a produção de ração. Apresentando bom desenvolvimento e algumas áreas já começando a receber adubação nitrogenada de cobertura. A área do milho primeira safra em Goiás sofreu a maior redução percentual do país, 34,5%, em virtude da expansão das áreas de soja, especialmente no centro e oeste do estado.

Na Região Sudeste, a área plantada está estimada em 1.079,6 mil hectares, representando acréscimo de 0,6% em relação ao ocorrido na safra anterior.

Em Minas Gerais, a área de plantio do milho primeira safra deverá apresentar incremento de 1,6% em relação à safra anterior, atingindo 731,9 mil hectares. O plantio ocorreu em 65% da área total. As lavouras se encontram predominantemente nas fases de emergência e desenvolvimento vegetativo. Embora neste período se priorize o plantio de soja, as operações de plantio com o cereal nas primeiras semanas de novembro foram intensas, e ainda ocorrerão durante dezembro.

Em São Paulo, a área plantada tem se reduzido nos últimos anos devido à melhor atratividade de outras lavouras, particularmente a soja. As lavouras já plantadas são destinadas à produção de milho semente. O plantio do cereal acelera à medida que avança a colheita do feijão. A área semeada, até o momento, que, nesta safra, apresentará redução de 1,4% em relação ao plantio anterior, atingindo 335,1 mil hectares, encontra-se com 50% no estágio de germinação e 50% em desenvolvimento vegetativo.

Na Região Sul, a cultura deverá experimentar incremento na área plantada, estimada em 2,2% em relação à safra passada, atingindo 1.512,8 mil hectares.

No Paraná, o plantio foi concluído. Quando comparada à safra passada, a área plantada aumentou 2% em virtude do bom preço do cereal. Nas primeiras lavouras semeadas houve muito problema com stand, porte da planta, replantio e absorção de nitrogênio, devido à falta de boas chuvas. Por isso, estas áreas apresentam-se em condições regulares ou ruins e há o risco de parte delas ser destinada para silagem. Outras lavouras atrasaram

o plantio porque houve demora na degradação da palhada de cobertura.

Em Santa Catarina, estima-se a área cultivada com milho em 345,1 mil hectares, 2,7% maior que à da safra anterior. Já foram semeados 94% da área prevista, mas em virtude da estiagem, parte deverá ser replantada, não havendo garantias se com o próprio milho ou com a soja. No campo, as lavouras estão 3% em emergência, 52% em desenvolvimento vegetativo, 31% em florescimento e 14% em granação. Em virtude da escassez de chuvas desde o início do plantio, a germinação tem sido desuniforme e o desenvolvimento vegetativo lento. As piores lavouras encontram-se na faixa sul e oeste do estado que faz limite com o Rio Grande do Sul. As lavouras semeadas mais precocemente em agosto e setembro estão florescendo, com aproximadamente um metro de altura, folhas amarelas e sem formação de grãos. As áreas que ainda não iniciaram o período reprodutivo se encontram em melhores condições, e as chuvas generalizadas dos últimos cinco dias devem diminuir o impacto negativo da estiagem na produtividade. Produtores que acionaram o Proagro e quem têm as áreas em produção vinculadas à garantia do financiamento junto às cooperativas estão tendo suas lavouras liberadas para efetuarem o replantio ou não, terão receitas para quitar o financiamento.

No Rio Grande do Sul, as condições meteorológicas em novembro não foram positivas para o milho, já que a quase ausência de chuvas acentuou o deficit hídrico que já era grande no mês anterior. Com isso, a semeadura evoluiu pouco, chegando a 84%, ante 73% em outubro. As lavouras situadas na Fronteira Oeste, Missões, Alto Uruguai e grande parte do Planalto Médio já foram semeadas. O que falta no momento é cerca de 50% na região Sul, Depressão Central (após a colheita de fumo) e na Campos de Cima da Serra. No momento, 1% das lavouras se encontram

em germinação, 55% em desenvolvimento vegetativo, 22% em floração e 22% em enchimento de grãos. A falta de chuva que durou três meses comprometeu drasticamente o potencial produtivo das lavouras e, quanto mais cedo a semeadura das lavouras, maiores foram as perdas. Com este cenário, a estimativa de produtividade foi reduzida em 45% com relação à expectativa inicial, atingindo atualmente 4.420 kg/ha.

MILHO TERCEIRA SAFRA – 2019/20

As estimativas sobre a evolução do milho terceira safra, no período 2019/20, dão conta de uma área plantada atingindo 535,6 mil hectares, com possibilidades da produção, em face do quadro climático que apresentou oscilações durante fases importantes da lavoura e da colheita, que já foi iniciada, atingir 1.772,1 mil toneladas, incremento de 45,4% em relação à safra 2018/19.

Na Bahia, o milho terceira safra, semeado na safra 2020, teve a colheita atingindo 93% da área total, com previsão de finalização em dezembro. A produção está estimada em 693,3 mil toneladas, superando a safra anterior em 155,2%.

Em Sergipe, a produção de milho está prevista ser uma das maiores dos últimos dez anos, graças ao bom regime de chuvas e ao aumento da tecnologia aplicada, complementada com a redução de chuvas durante a maturação dos grãos. No momento, muitos agricultores estão tendo dificuldade para contratar colhedoras em virtude da grande demanda. Até novembro, 60% da área plantada já havia sido colhida. Há mais de 30 dias as lavouras de milho estão todas prontas para a colheita, uma vez que a

falta de maquinários está dificultando a operação em praticamente todo o estado em virtude da supersafra obtida. Com as chuvas regulares e bem distribuídas, praticamente não houve perdas de área plantada por conta de falta de umidade no solo, o que aumentou a demanda por maquinário, justamente na fase de colheita do grão. Há relatos de perdas localizadas de área plantada por conta do excesso de chuvas em algumas regiões de solos rasos. Há também relatos de colhedoras alugadas vindas do Rio Grande do Sul para serem utilizadas em Sergipe. Estima-se que de 15 a 20% do milho está armazenado em silos-bolsas, objetivando valorização futura do grão. No entanto, grande parte dos produtores precisam pagar os empréstimos bancários, que vencem normalmente em fevereiro, sendo esperado um aumento na oferta e a consequente queda nos preços pagos aos produtores em janeiro. O milho colhido, até o momento, é de boa qualidade, com algumas poucas áreas apresentando milho ardido, por causa das chuvas acima da média ocorridas em algumas regiões. As informações em relação à produtividade são muito boas, mas ainda bem variadas, com produtores colhendo entre 4.500 e 7.500 kg/ha, sendo prudente, no momento, aguardar a finalização da colheita.

Em Alagoas, os produtores avançam na colheita. Os grandes produtores obtiveram aumento significativo na produtividade em relação ao ano anterior, 1.600 kg/ha, redundando em grande rentabilidade, tendo como suporte o câmbio e a facilidade de escoamento da produção na região.

Em Roraima, o milho da safra 2019/20 foi totalmente colhido. A área na safra atingiu 15.000 hectares. A expectativa de produtividade permanece na média estadual de 6.000 kg/ha. A comercialização continua bastante pulverizada depois que a cooperativa que representava os produtores de grãos foi interdita.

QUADRO 4 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda – Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva				

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2020/2021											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MA	Oeste Maranhense					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Maranhense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Norte Piauiense					S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Norte Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Sul Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
MT	Sudeste Mato-grossense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
GO	Centro Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Leste Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sul Goiano				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
DF	Distrito Federal			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Noroeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Belo Horizonte			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MG	Oeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Campo das Vertentes			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Zona da Mata			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SP	São José do Rio Preto			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Ribeirão Preto			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Bauru			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Campinas			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Itapetininga			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Norte Central Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba		S/E	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste Catarinense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
SC	Norte Catarinense		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C				
	Serrana		S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí		S/E	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C			

continua

RS	Noroeste Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C		
	Nordeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Centro Ocidental Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	C		
	Centro Oriental Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	C		
	Metropolitana de Porto Alegre		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		
	Sudeste Rio-grandense		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C		

Nota: * - (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab

UF	Mesorregiões	Milho terceira safra - Safra 2020/2021									
		ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN
PE	Agreste Pernambucano - PE	S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C	C		
SE	Agreste Sergipano - SE	S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C	M/C	C	
BA	Nordeste Baiano - BA	S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	M/C	M/C	C	C

Nota: * - (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab

Foto 3 – Colheita de milho terceira safra em Paripiranga-BA



Fonte: Conab

Foto 4 – Milho Irrigado em São João da Boa Vista - SP



Fonte: Conab



SOJA

ÁREA

38.175,8 mil ha
+3,3%

PRODUTIVIDADE

3.522 kg/ha
+4,2%

PRODUÇÃO

134.451,1 mil t
+7,7%

Comparativo com safra anterior
Fonte: Conab

As condições de mercado atrativas para a comercialização do grão, em razão da expectativa positiva para praticamente todos os segmentos do agronegócio, previsto para o exercício 2020/21, estima-se continuado crescimento da área plantada com a oleaginosa, com previsão de incremento de 3,3% em comparação à safra anterior, atingindo 38,2 milhões de hectares semeados. O plantio está em fase final na maior parte das regiões produtoras, com as oscilações climáticas impactando negativamente o ritmo das operações. No entanto, com a expectativa das normalizações hídricas, não se espera graves comprometimentos nos níveis de produtividade. Com a regularização do clima, é esperada produção recorde de 134.451,1 mil toneladas, representando incremento de 7,7% em relação à safra anterior.

OFERTA E DEMANDA

A média dos preços de novembro de 2020 na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) foi de US\$ 11,43/bu, 8,5% mais altos que em outubro de 2020 e 26,40% mais altos que novembro de 2019.

Essa alta continua motivada pelas compras (importação) chinesas da soja dos Estados Unidos, pelos baixos estoques americanos e problemas climáticos na evolução do plantio da safra 2020/21 da safra sul-americana.

Apesar dos preços internacionais elevados, prêmios de portos e dólar de novembro de 2020 tiveram fortes quedas se comparados a outubro do ano em curso em 12,41% e 3,14%, respectivamente.

Com as exportações de novembro de 2020, estimada pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex) em mais de 1,4 milhão de toneladas, a exportação de 2020 alcançaram o valor de 82,9 milhões de toneladas, com isso, as estimativas de exportação totais de 2020 passam a ser estimadas em 83,6 milhões de toneladas, e o consumo interno em 48,99 milhões de toneladas.

Para a safra brasileira de 2020/21 de soja em grãos, foi estimada um volume de 134,45 milhões de toneladas, do lado do consumo, espera-se que as exportações atinjam um número acima de 85 milhões de toneladas, motivada pela forte demanda chinesa e pelo forte percentual comercializado, até o momento, que já alcança mais de 55% da safra.

A demanda interna para a safra 2020/21 deverá se manter aquecida em razão do crescimento da economia, do aumento da produção de carnes para exportação e da mistura do biodiesel, que passará de B12 para B13, estimado em um total de mais de 49 milhões de toneladas.

Dessa forma, os estoques finais de soja deverão manter-se baixos por mais um ano, e com isso, preços mais elevados no mercado interno para 2021.

ANÁLISE ESTADUAL

REGIÃO NORTE-NORDESTE

À medida que as condições climáticas vão se normalizando, a semeadura da oleaginosa vai se consolidando. O plantio regional está estimado atingir 5.659,5 mil hectares, 3,5% de incremento em relação à área plantada na safra passada.

Em Rondônia, a semeadura da soja da primeira safra já finalizou. O plantio da segunda safra deverá ter início em janeiro, quando os primeiros talhões do plantio anterior estiverem sendo colhidos, estendendo-se até à primeira quinzena de março. Em fevereiro será totalizada a semeadura final, estimando-se o plantio superior a 50% da cultura, neste mês. É importante registrar que foi alterada a data do vazio sanitário, e o novo período se estende de 5 de junho a 5 de setembro. Em alguns municípios houve relatos de replantio por conta do estresse hídrico. A heterogeneidade nos talhões é um fato, observando-se estágios, desde germinação à floração.

Na Bahia, com o fim do vazio sanitário, os plantios foram iniciados a partir de outubro, primeiro com o cultivo irrigado e avançando nas lavouras de sequeiro, conforme a regularização das chuvas. Estima-se um aumento de 3,7% da área cultivada em relação à safra anterior. Esse ganho é resultado da migração para a soja, de áreas cultivadas com algodão na safra passada. O plantio atinge 80% da área total, incluindo cultivo de sequeiro e irrigado, uma vez que a semeadura do plantio irrigado já foi finalizada, restando a conclusão do cultivo de sequeiro.

Em Tocantins, a cultura da soja se encontra com 80% da área semeada em razão do bom volume de chuvas registrado no início de novembro. Os produtores aceleraram o plantio da cultura, com finalização prevista para a primeira quinzena de dezembro. Houve relatos de replantio em algumas áreas devido à irregularidade do período chuvoso em outubro e novembro. Contudo, as lavouras apresentam bom estado de desenvolvimento. A expectativa geral para o grão é de crescimento da área plantada e produção em torno de 3,9%, atingindo 1.120 mil hectares em razão dos altos investimentos dos agricultores em insumos e sementes e ainda expansão de novas áreas, verificada principalmente no município de Peixe - TO.

No Maranhão, o plantio em novembro, atingiu 49% do total previsto, tendo iniciado em outubro na maior parte do sul maranhense e em municípios do oeste e centro maranhense. Diversos municípios das regiões oeste, centro e leste, iniciarão o plantio em dezembro e janeiro de 2021, com a estabilização das chuvas. As regiões de Chapadinha e Baixo Parnaíba Maranhense realizarão o plantio em janeiro e início de fevereiro de 2021. A colheita ocorrerá entre fevereiro e junho de 2021. A expansão de área de soja, sobretudo na região centro-sul, é resultado da alta lucratividade observada desde a safra 2019/20, além da valorização do dólar e alta demanda externa do produto. Estima-se aumento de área na safra 2020/21 em relação à safra anterior, em torno de 2,5%, ultrapassando 1 milhão de hectares.

No Pará, a estimativa para a safra 2020/21 apresentou leve decréscimo, uma vez que a segunda região produtora de soja, o sul do estado, apresentou clima muito instável e já foi semeada cerca de 80% do total previsto, com informações de ocorrência de replantio. A área estimada

é de 623,2 mil hectares. A região de Paragominas se encontra em pleno preparo de área, e as informações prestadas dão conta de chuvas satisfatórias, e a janela de plantio pode ser antecipada para dezembro. Paragominas, Ulianópolis, Dom Eliseu e Rondon do Pará detém mais de 60% da soja do estado e se encontram na mesma região.

No Piauí, o plantio foi iniciado na segunda quinzena de outubro, após o encerramento do vazio sanitário e quando a umidade do solo já apresentava níveis que permitiam o início do plantio. No período deste levantamento, a cultura já se encontrava com cerca de 75% da área semeada, apresentando um bom ritmo de evolução e avançado, se comparado à safra anterior. Do total semeado 30% se encontra em germinação, 68% em desenvolvimento vegetativo e 2% em floração. Até o momento, a lavoura implantada apresenta boas condições. Na safra 2020/21 deve ocorrer um aumento médio na área na ordem de 5,2% devido à abertura de novas áreas e migração de milho e algodão para soja. Dessa forma, a princípio, espera-se que a área alcance 798,4 mil hectares.

REGIÃO CENTRO-OESTE

Na principal região produtora do país está previsto ocorrer na área plantada aumento de 3,6% em relação ao plantio passado, atingindo 17,2 milhões de hectares.

Em Mato Grosso, o plantio se encaminha para seu desfecho, com 99,7% já semeado até o final de novembro. Após o atraso inicial das chuvas, foi registrado um ritmo muito intenso de plantio, com concentração de mais de 80% da área plantada nas quatro semanas entre a metade de outubro e a metade de novembro. A capacidade técnica operacional em Mato Grosso

propiciou esta cadência. Apesar de o plantio estar praticamente completo e as chuvas terem se estabelecido em âmbito estadual, é importante destacar que elas se encontram abaixo do volume ideal, fato que gerou replantio de forma generalizada em todo o estado, ainda que restrito à pequena fração da área na maior parte dos municípios. A ressemeadura ocorreu principalmente nas áreas em que a oleaginosa foi implantada entre o final de setembro e o início de outubro, padecendo, portanto, de forma mais intensa, com a seca e o atraso do início das chuvas, a exemplo das áreas que visam o plantio de algodão de segunda safra. Dada a concentração da sementeira em intervalo curto de tempo, destaca-se a opção de muitos produtores por utilizar cultivares distintas, com ciclos diversos, de modo a mitigar o risco inerente a esta concentração. Ainda não se pode confirmar queda de produtividade média, motivada pela escassez de chuvas, pois as lavouras ainda podem se recuperar, caso haja condições climáticas favoráveis, e os produtores anseiam por maior volume de chuvas para as próximas semanas, nas quais haverá a predominância do estágio de floração das lavouras. Estima-se 3,6% das lavouras em emergência, 86,2% em desenvolvimento vegetativo, 9,5% em floração e o restante, pouco mais de 0,6%, em enchimento de grãos.

Em Mato Grosso do Sul, a sementeira está praticamente concluída, com 98,5% das lavouras plantadas em todo o estado. Devido ao baixo acumulado hídrico em novembro, muitas áreas começam a demonstrar sintomas de estresse, onde algumas, localizadas em solos mais arenosos, já indicam a necessidade da ressemeadura quando do retorno das chuvas. A situação só não é pior devido à maior parte das lavouras estarem em desenvolvimento vegetativo, estágio onde a soja apresenta menor demanda hídrica. Até o momento, aproximadamente 0,7% da área estadual deverá ser ressemeada devido a casos pontuais de trombas de

água, ocorrência de granizo e comprometimento grave da capacidade produtiva devido à falta de umidade no solo. O controle de plantas daninhas está sendo realizado, seguindo o monitoramento, e o que mais tem chamado a atenção dos produtores é a elevada presença de milho germinado da safra anterior (segunda safra), conhecido com tiguera. As lavouras que iniciaram o florescimento começaram a receber a primeira dose preventiva de fungicida. O estágio da cultura está com 19% em germinação, 74% em desenvolvimento vegetativo e 7% em floração.

Em Goiás, o plantio da soja se encontra praticamente encerrado (98,7% das áreas plantadas). Uma porcentagem muito pequena deve ser plantada em dezembro, principalmente nas áreas de primeiro plantio e inaptas ao cultivo da segunda safra. Durante a segunda semana de novembro, a ocorrência de chuvas mais pesadas ocasionou a formação de selamento superficial e crosta após secagem do solo em áreas recém-plantadas, ocasionando problemas na formação de estandes em algumas lavouras onde as sementes não apresentaram o vigor necessário para emergência. Foram relatados casos de replantio e de interrupções nas operações de plantio em virtude da escassez e principalmente irregularidade das chuvas nas regiões. Casos mais isolados de ocorrência de chuvas de granizo em lavouras nos estágios iniciais de desenvolvimento também foram relatados como causas de replantio. Novembro iniciou com forte veranico durante a primeira semana e encerrou com escassez e desuniformidade nas precipitações. Em menor grau, as queimadas ocorridas principalmente durante agosto e setembro em áreas de palhada de milho também foram apontadas como um fator que desfavorece a conservação de temperatura e umidade dos solos da região. Alguns municípios visitados sofrem com mais de 13 dias sem chuvas, o que começa a preocupar os produtores. As lavouras se encontram, em sua maioria, com 81% em desenvolvimento

vegetativo, 5% ainda estão em emergência e 14% já iniciam a fase de floração. Devido ao estágio de desenvolvimento em que se encontra a maioria das lavouras (vegetativo), a análise de muitos dos colaboradores consultados é que o estresse hídrico, observado nos últimos dias, até certo ponto, pode ser considerado benéfico às plantas de soja, que tendem a ter um melhor desenvolvimento radicular, favorecendo a absorção de nutrientes. Cabe ressaltar, porém, que um veranico mais prolongado é preocupante e pode prejudicar o desenvolvimento das lavouras, principalmente aquelas que vão caminhando para o início da floração, em estágio reprodutivo.

REGIÃO SUDESTE

A área plantada com a oleaginosa, nesta temporada, deverá apresentar o maior incremento percentual do país, estando previsto aumento de 8,1% em relação ao exercício passado, atingindo 2.980,6 mil hectares.

Em Minas Gerais, a área na safra atual está estimada em 10,4% superior à anterior, com o plantio estimado em 70% do total. A valorização do produto no mercado motivou os produtores a aumentarem o plantio, avançando sobre áreas de cana-de-açúcar, milho, pastagens e áreas provenientes de recuperação, antes degradadas. O ritmo de plantio é intenso em razão da expectativa de incremento no plantio do milho segunda safra. Há relatos que o atraso das chuvas gerou uma predileção para o plantio das variedades com menor ciclo produtivo, de forma a não perder a janela do plantio da segunda safra. Apenas as áreas com pivôs teve plantio iniciado nos primeiros dias de outubro. Já as lavouras de sequeiro devem se estender até dezembro. Nas áreas já semeadas, estima-

se que as lavouras estejam nos estágios de emergência 45% e 55% em fase de desenvolvimento vegetativo.

Em São Paulo, os produtores intensificaram o plantio, aproveitando o período pós-chuvas, que garantiu maior disponibilidade de água no solo. A mecanização do plantio permite que se acelere as operações, de forma a aproveitar mais a disponibilidade hídrica, lembrando que a janela máxima para a leguminosa se encerrou em 15 de novembro. Os altos valores de comercialização da soja incentivam os produtores a tomar decisões de plantio mais arriscadas, inclusive fazendo o plantio no pó. As lavouras que já estão plantadas se encontram, em sua maioria, no estágio de desenvolvimento vegetativo. A área de soja está projetada crescer 4,72% em relação ao período anterior.

REGIÃO SUL

Estima-se incremento percentual na área plantada de 1,8% em relação ao observado na safra anterior, atingindo 12.296,9 mil hectares. Apesar do grande atraso das chuvas, a região deverá apresentar uma maior produção, comparada à safra passada, severamente afetada pelo clima.

No Paraná, a área plantada será superior à da safra passada, motivada pelos bons preços da oleaginosa. No extremo-oeste, o atraso no plantio foi de mais de 4 semanas. Na média do estado, estima-se um atraso de 2 semanas. Devido ao plantio sem as condições de umidade ideais, quase 30% das lavouras se encontram em condições regulares ou ruins. Espera-se que as chuvas ocorram de forma regular nos próximos dias, o que seria benéfico para as lavouras castigadas pela seca e que agora estão em fase reprodutiva.

Em Santa Catarina, a soja, por ser mais resistente à falta de água, quando comparada ao milho e feijão, e ser semeada mais tardiamente quando as chuvas já são mais frequentes, apresenta condições ligeiramente melhores de desenvolvimento quando comparada a do ano anterior. O plantio, que estava atrasado aguardando condições climáticas favoráveis, com as últimas chuvas, conseguiu retomar o ritmo e já atingiu 82% da área prevista, de 684 mil hectares, cerca de 0,5% maior que a safra anterior. Neste período, em 2019, já havia sido semeada 90% da área prevista. Esse atraso deve fazer com que os produtores optem por milho para silagem ou feijão, como segunda safra.

No Rio Grande do Sul, a semeadura da soja atingiu 50% da área prevista, ante os 5% verificado no levantamento anterior. Em relação à safra anterior é observado atraso nos processos, já que naquele mesmo período havia cerca de 76% da área semeada. O atraso foi decorrente de forte estiagem que atingiu o estado na primavera, reduzindo a umidade do solo a níveis críticos. Ainda assim, mesmo sem chuvas constantes e volumosas, os produtores foram gradativamente realizando a semeadura, quando alguma pancada de chuva ocorria. Houve também escalonamento de semeadura e, mais recentemente, com a previsão de chuvas generalizadas, uma significativa semeadura em solo seco. Apesar disso, as lavouras estão com um crescimento dentro do esperado. A região em que a estiagem foi maior, na metade oeste do estado, é também aquela com menor porcentagem da área semeada, de 10 a 40%, enquanto que no centro, sul e leste já ultrapassou os 50%. Nos próximos dias a semeadura deve chegar à totalidade da área.

QUADRO 5 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica			
 Favorável	 Baixa Restrição - Falta de Chuva	 Baixa Restrição - Excesso de Chuva	 Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Média Restrição - Falta de Chuva	 Média Restrição - Excesso de Chuva	 Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	 Alta Restrição - Falta de Chuva	 Alta Restrição - Excesso de Chuva	 Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Soja - Safra 2020/2021											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense	PS	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C					
PA	Sudeste Paraense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	S/E	E/DV	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PS	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PS	S/E	DV	F	EG/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PS	S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
GO	Leste Goiano		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		S/E	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			S/E	DV/F	EG/M/C	EG/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		S	S/E	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E	E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PS	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	S/E	E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Catarinense	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Serrana	PS	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
RS	Noroeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			

Nota: * - (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Safra 2019/2020

Fonte: Conab



Foto 5 – Área dessecada após plantio de soja em Chapadão do Sul - MS

Fonte: Conab

Foto 6 – Plantio de soja em Chapadão do Sul - MS



Fonte: Conab



Foto 7 - Soja em desenvolvimento vegetativo em Chapadão do Sul - MS

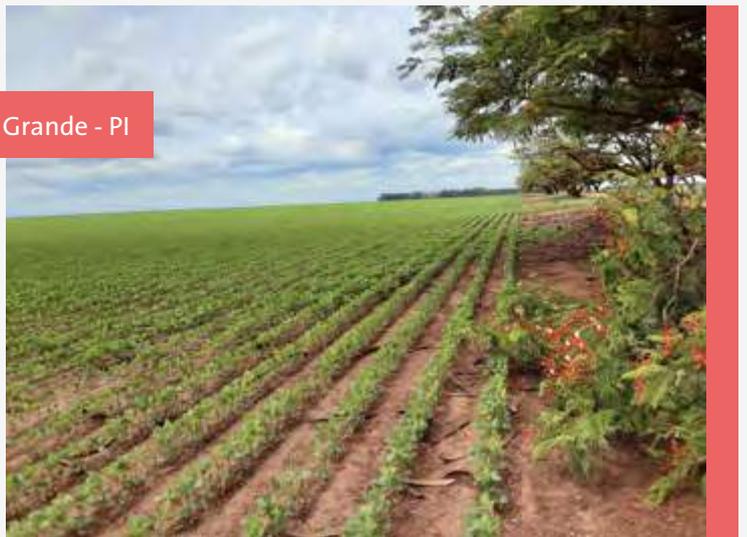
Fonte: Conab

Foto 8 – Plantio de soja em Chapadão do Sul - MS



Fonte: Conab

Foto 9 – Lavoura de soja em Baixa Grande - PI



Fonte: Conab

Foto 10 - Lavoura de soja em Ribeiro Gonçalves - PI



Fonte: Conab



Foto 11 – Lavoura de Soja semeada sob pivô em Ipiranga do Norte - MT. Estádio de enchimento de grãos

Fonte: Conab

Foto 12 – Soja semeada sob pivô em Ipiranga do Norte-estádio enchimento de grãos



Fonte: Conab



Foto 13 - Lavoura de soja em Ipiranga do Norte - MT

Fonte: Conab



Foto 14 – Soja em Ipiranga do Norte - MT. Estádio de floração

Fonte: Conab

Foto 15 – Lavoura de Soja em Santa Rita do Trivelato - MT estágio vegetativo



Fonte: Conab

Foto 16 - Lavoura de soja em Santa Rita do Trivelato - MT em estágio vegetativo



Fonte: Conab



TRIGO

ÁREA

2.338,8 mil ha
+14,6%

PRODUTIVIDADE

2.644 kg/ha
+4,7%

PRODUÇÃO

6.183 mil t
+19,9%

Comparativo com safra anterior
Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 227,4 mil t
PRODUÇÃO 6.183 mil t
IMPORTAÇÕES 6.800 mil t
13.210,4 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 11.798,7 mil t
EXPORTAÇÕES 700 mil t
12.498,7 mil t

Entre as culturas de inverno produzidas no país, a de maior destaque é o trigo. Para esta safra, por exemplo, foram mais de 2.338,8 mil hectares destinados à triticultura, estimando uma produção de 6.183 mil toneladas do cereal.

As operações de colheita estão praticamente finalizadas, chegando a mais de 99% da área total colhida até o final de novembro, restando apenas algumas áreas a serem colhidas em Santa Catarina. O rendimento médio tem sido maior em comparação ao ano passado, especialmente pelas melhores condições climáticas visualizadas nesta safra (apesar de registros de algumas intempéries como ocorrência de geadas no Sul e Sudeste, bem como escassez de precipitações). Além disso, a área plantada apresentou um aumento importante, prevendo assim um resultado cerca de 19,9% superior ao obtido em 2019.

OFERTA E DEMANDA

Em novembro de 2020, o mês iniciou com cotações em patamares nunca antes vistos, apesar dos dois principais estados produtores estarem em pleno desenvolvimento de safra, com boa evolução dos trabalhos de ceifa. Ao longo do mês em análise, a desvalorização do mercado internacional, somado à recente retração do dólar e à competitividade do trigo importado em relação ao nacional, contribuíram para a ocorrência de sucessivas desvalorizações nas semanas, mas mesmo assim as cotações encerraram o mês com média de R\$ 76,69 a saca de 60 quilos e R\$ 78,09 a saca de 60 quilos, apresentando valorizações de 7,2% e 11,9%, respectivamente.

Já no mercado internacional, após 4 meses com cotações elevadas, os preços nos mercados internacionais em novembro apresentaram desvalorizações devido à segunda onda da pandemia do novo coronavírus na Europa, pela queda nos preços na região do Mar Negro e na Austrália, que acabaram por pressionar também as cotações em Chicago e devido ao fraco desempenho das exportações semanais norte-americanas. A média de novembro da cotação FOB Golfo foi de US\$ 271,03 a tonelada, apresentando desvalorização mensal de 0,8%.

Com a finalização dos trabalhos de colheita nos principais estados produtores, as perdas na produção e produtividade foram ainda mais sentidas. Em relação ao último levantamento, a perda na produção nacional foi de 2,7%, sendo o Rio Grande do Sul o estado mais prejudicado, com perda de 5,5% quando comparado com o levantamento de safras divulgado em novembro. Foram realizados ajustes no quadro de oferta e demanda em relação à produção, que passou de 6.354,8 mil toneladas para 6.183 mil toneladas.

TABELA 9 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2014	2.414,1	5.971,1	5.328,9	13.714,1	10.652,2	1.680,5	1.381,4
2015	1.381,4	5.534,9	5.517,6	12.433,9	10.312,7	1.050,5	1.070,7
2016	1.070,7	6.726,8	7.088,5	14.886,0	11.470,5	576,8	2.838,7
2017	2.838,7	4.262,1	6.387,0	13.487,8	11.244,7	206,2	2.036,9
2018	2.036,9	5.427,6	6.753,1	14.217,6	12.435,8	582,9	1.198,9
2019	1.198,9	5.154,7	6.676,7	13.030,3	12.460,6	342,3	227,4
2020	Nov/20	227,4	6.354,8	6.800,0	13.382,2	11.798,7	883,5
	Dez/20	227,4	6.183,0	6.800,0	13.210,4	11.798,7	711,7

Nota: Estimativa em dezembro/2020

Estoque de Passagem - Milho: 31 de Janeiro

Fonte: Conab

ANÁLISE ESTADUAL

No Paraná, a colheita está finalizada, alcançando um resultado expressivamente maior do que aquele obtido no ano passado. A produtividade média foi 31% superior à de 2019, mesmo com a ocorrência pontual de geadas, granizo, ventos fortes e alguns períodos de estiagem durante o ciclo da cultura. Além disso, a área plantada também aumentou em comparação à temporada anterior, influenciando diretamente no volume final colhido de aproximadamente 3 milhões de toneladas.

No Rio Grande do Sul, a colheita está praticamente finalizada, atingindo 98% dos 930,2 mil hectares semeados nesta safra. As condições climáticas durante o ciclo foram consideradas instáveis, registrando intempéries como geadas, em fase de floração e início de enchimento de grãos, e estiagens, no final do enchimento de grãos, que reduziram o potencial produtivo da cultura.

Quanto mais a oeste do Rio Grande do Sul, onde o calendário de

semeadura inicia mais cedo, maiores foram as perdas em decorrência da geada de agosto. Nas regiões da Fronteira Oeste, Missões, Alto Uruguai e parte do Planalto Médio, as produtividades variaram de 1.700 kg/ha a 2.200 kg/ha, porém, nas regiões central e sul, as produtividades chegaram próximo dos 3.000 kg/ha, enquanto que na região de Campos de Cima da Serra supera a marca dos 3.000 kg/ha. Dessa maneira, a estimativa é de uma produtividade média na ordem de 2.430 kg/ha, sendo 19% inferior ao obtido em 2019. O resultado final esperado deve ser atenuado também pelo aumento de área semeada neste ano, mantendo a previsão de aumento na produção, que deverá ficar em 2.260,4 mil toneladas (2,4% superior ao ano passado).

Em Santa Catarina, a colheita está em fase final, alcançando 93% dos 58,4 mil hectares semeados nesta safra. As geadas observadas em agosto tiveram impactos em algumas áreas, além dos períodos de estiagem observados em setembro, impedindo a obtenção de produtividades maiores. A estimativa atual é de redução no rendimento médio em comparação a 2019, ficando em 2.974 kg/ha. Já a produção esperada, impactada pelo aumento de área, deve fechar acima daquela verificada na temporada passada, alcançando cerca de 173,7 mil toneladas.

Na Região Sudeste também há importante produção de trigo. Em Minas Gerais, a triticultura é manejada tanto em condição de sequeiro como em sistema irrigado. De maneira geral, as lavouras apresentaram desenvolvimento satisfatório, mesmo com alguns registros de intempéries em algumas regiões, ao longo do ciclo. A colheita está finalizada, e a produção foi superior à temporada anterior, especialmente pelo incremento na produtividade média visualizada em 2020. Em São Paulo, a colheita também está encerrada, apresentando acréscimo de 16,9% na

produção final em comparação a 2019. O grão colhido demonstrou boa qualidade, com PH acima de 79 em boa parte das áreas.

Na Região Centro-Oeste, a cultura tem se adaptado às condições de cerrado, principalmente após anos de investimentos e pesquisas no âmbito do melhoramento genético e no manejo do solo, da água e da planta. Algumas regiões se mostram adequadas a tal cultivo e têm demonstrado bons resultados nas últimas safras. Nesta temporada, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal destinaram área para a triticultura, e o resultado foi considerado regular, alcançando um volume de 186 mil toneladas em toda a região (redução de 10,8% em comparação ao ano passado, exclusivamente pela redução visualizada em Goiás).

A Bahia também é um caso de adaptação da cultura a um ambiente mais tropical. Ainda assim, com um investimento substancial e um manejo totalmente irrigado, a região tem apresentado bons rendimentos médios, uma vez que, nesta safra, chegou a 5.700 kg/ha, perfazendo uma produção de 17,1 mil toneladas.

QUADRO 6 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica							
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões-	Trigo - Safra 2020									
		MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SP	Itapetininga		S	DV	F	EG	EG/M	M/C			
	Centro Ocidental Paranaense		S	E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Norte Central Paranaense		S	E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense		S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
PR	Centro Oriental Paranaense			PS	SE/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense		S	E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense				S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense				S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Oeste Catarinense			S	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
SC	Norte Catarinense			S	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Serrana			S	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense			S	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
RS	Nordeste Rio-grandense				S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	

* - (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab



DEMAIS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

O amendoim é cultivado em duas safras. A primeira safra é a principal, com produção estimada em 598,9 mil toneladas.

Em Minas Gerais, a área de amendoim está estimada em 1,8 mil hectares devido à expectativa de uma pequena ampliação das áreas de plantio de cunho comercial na região do Triângulo Mineiro, com lavouras altamente tecnificadas, semeadas normalmente em novembro e dezembro. Em relação à produção, a expectativa é de aumento de 22,4% em relação à safra anterior, para o estado.

Em São Paulo estão as áreas agrícolas propícias para o cultivo de amendoim na mesma região destinada à produção de cana-de-açúcar em sistema de rotação de culturas, tais como Alta Paulista e Alta Mogiana, compreendidas por cidades como Tupã, Marília, Dumont, Ribeirão Preto, Jaboticabal e Sertãozinho.

Houve também o retorno do plantio para outras regiões do estado devido aos preços praticados que estão atraentes para os produtores.

A cultura encontra-se totalmente plantada, em estado de germinação e desenvolvimento vegetativo.

No Paraná, trata-se de uma cultura de pouca expressão econômica, na qual se utiliza baixa tecnologia e é bastante consumida na época de festas juninas. A área estimada da cultura é de 2,1 mil hectares, representando um aumento de 5% em relação à safra 2019/20.

MAMONA

A estimativa para a safra 2020/21 é de incremento na área plantada. A previsão é que sejam cultivados 52,7 mil hectares, que, comparados com os cultivados na safra anterior, equivalem a aumento de 15,8% na área.

O Nordeste é a principal região produtora, com destaque para a Bahia. Estima-se incremento de área para o Nordeste em 16,6%, e retração na produção, ficando em 34,3 mil toneladas.

Na Bahia, estima-se um aumento de área de 16,8% em relação à safra passada. O plantio atinge 75% da área total destinada a essa cultura. A semeadura das lavouras novas e o manejo das lavouras remanescentes da última safra iniciaram em novembro com a chegada da estação chuvosa no Centro Norte da Bahia, onde é possível encontrar plantas em vários estádios de desenvolvimento. Este cultivo é conduzido por produtores que destinam todo a produção para indústria, intermediados por atacadistas locais.

Em Mato Grosso, a área deverá ser de 2,1 mil hectares. Sua expansão esbarra em questões como a restrição de tecnologia para o cultivo e o manejo ainda incipiente no estado, bem como na forte concorrência na segunda safra com culturas mais rentáveis, como o milho, o algodão e o gergelim.



DEMAIS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA

A colheita de aveia está praticamente finalizada. A cultura obteve produtividades superiores à última safra no Mato Grosso do Sul e Paraná, apesar das condições climáticas oscilarem ao longo do ciclo, com registros de geadas e ventos fortes.

No Rio Grande do Sul, com a colheita praticamente encerrada, 98%, as perdas já verificadas no levantamento anterior foram confirmadas, ficando a produtividade em 1.946 kg/ha. Esse valor é 20,6% inferior ao verificado na safra anterior. Além da redução da produtividade, a qualidade do produto colhido também foi bastante comprometida devido às condições verificadas no período de desenvolvimento, como a geada no fim de agosto e a estiagem de setembro em diante.

QUADRO 7 - MONITORAMENTO AGRÍCOLA

Legenda - Condição hídrica			
■ Favorável	■ Baixa Restrição - Falta de Chuva	■ Baixa Restrição - Excesso de Chuva	■ Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	■ Média Restrição - Falta de Chuva	■ Média Restrição - Excesso de Chuva	■ Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	■ Alta Restrição - Falta de Chuva	■ Alta Restrição - Excesso de Chuva	■ Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões-	Aveia - Safra 2020								
		ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PS	S/E/DV	DV/F	EG	EG/M	M/C			
	Centro Ocidental Paranaense	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Norte Central Paranaense	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
PR	Centro Oriental Paranaense		PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense	PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense			S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	

continua

RS	Noroeste Rio-grandense	S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C	
	Nordeste Rio-grandense		S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C
	Centro Ocidental Rio-grandense	S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C	

* - (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab

CANOLA

No Rio Grande do Sul, a colheita encerrou confirmando essa como a cultura mais afetada pelas intempéries ocorridas durante o seu ciclo.

A produtividade final foi de 901 kg/ha, redução de 37,5% em relação à safra passada. As grandes perdas ocorreram, pois essa cultura, que se concentra no oeste do Rio Grande do Sul, encontrava-se em, sua maioria, na fase de floração e enchimento de grãos quando da ocorrência de uma geada em agosto

CENTEIO

No Paraná, diferente das outras culturas de inverno, o centeio obteve rendimento inferior à última safra devido à severa estiagem que ocorreu ao longo do ciclo da cultura. A colheita está finalizada.

CEVADA

No Paraná, a cevada teve alto percentual de aproveitamento para maltarias. A colheita finalizou e, apesar das chuvas irregulares, o rendimento foi superior à safra passada.

Em Santa Catarina, as lavouras apresentaram uma redução significativa na produtividade esperada em virtude da prolongada escassez de chuvas.

A produtividade média esperada de 4.200 kg/ha ficou reduzida a 2.834 kg/ha. Toda a área já foi colhida.

No Rio Grande do Sul, a colheita avançou, chegando a mais de 86% do total. Essa cultura foi relativamente menos afetada que as demais culturas de inverno pela geada de agosto ou pela estiagem. Dentre os motivos pra isso, é que o cultivo se concentra na região leste do estado e, devido ao seu calendário de cultivo mais tardio, não foi afetada pela geada.

Mesmo assim a estiagem não foi tão severa nessa parte do estado quanto mais a oeste. Nesses locais a produtividade ainda se manteve próxima aos 3.000 kg/ha, enquanto no oeste foi significativamente menor. A produtividade média é estimada em 2.595 kg/ha, 18,3% menor que a da safra anterior.

Quanto à qualidade e produto colhido na região oeste do Rio Grande do Sul, pouco se aproveitará para a produção de cerveja, já na região próxima a Passo Fundo, cerca de 60% tem qualidade cervejeira e o restante vai para ração animal.

TRITICALE

No Paraná, a colheita foi encerrada. A produtividade média foi aquém do potencial produtivo devido à longa estiagem e geadas pontuais, mas foram melhores que na safra anterior.



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

